

HELL DIVINE

NE METAL NE



TESS COLE

E MAIS:

- + NOCTEM
- + ITSELF
- + COLDWORKER
- + DISTRAUGHT
- + PETHALLIAN

TOCANDO O TERROR

MIKO LOUREIRO

MUITO ALÉM
DAS SEIS
CORDAS

MASTER
AS RAIZES
DO DEATH METAL



Estamos vivendo um momento de transição dos fãs de Heavy Metal. De um lado, estão os bangers mais velhos que, muitas vezes, são cabeça dura e não aceitam muito bem as novas bandas. Do outro lado, estão os mais novos, que seguem uma nova tendência e abraçam com todas as forças as bandas que surgem a cada momento. E onde fica a galera do meio? Aqueles que estão ali nos seus trinta anos de idade e curtem as bandas antigas, mas as novas também? As bandas e o público acabam se perdendo nesse “conflito” de gerações. E a cena só tem a perder com essas divisões, ficando enfraquecida. A Hell Divine pode ser vista como uma revista mais moderna, mas nunca deixamos à parte o lado mais tradicional do Metal. Procuramos sempre agradar a todos um pouco, mesmo sabendo que isso é impossível. Houve um terremoto interno na equipe e mudamos drasticamente o quadro de pessoas, abrindo mão de praticamente metade dos colaboradores que tínhamos e colocamos sangue novo no lugar. Estamos em constante mutação, sempre tentando entregar o melhor material possível, sem esquecer a nossa satisfação pessoal, motivo maior da existência dessa revista. Esperamos que gostem do material contido nessa edição, que está matador! E nada melhor do que uma boa cerveja para acompanhar, certo? Apresentamos, então, a Hell Divine Bier! Mais detalhes dentro dessa edição! GO TO HELL!!

P-H Divine
Pedro Humangous.

ÍNDICE

02

EQUIPE

Conheça quem faz a Hell Divine.

03

EDITORIAL

Nota do Editor Chefe.

04

ENTREVISTAS

Terrorizer, Kiko Loureiro, Master, Noctem, Itself, Coldworker, Distraught e Pethallian.

28

RESENHAS

Diversas avaliações da revista pra você acompanhar.

40

DIVINE DEATH MATCH

Veja a análise da revista sobre os últimos lançamentos para PS3 e XBOX360.

42

COVERING SICKNESS

Entrevista com João Duarte, um mostro das artes.

46

LIVE SHIT

Resenhas dos últimos shows no Brasil.

48

UPCOMING STORM

Conheça as bandas que estão surgindo.

49

MOMENTO WTF

Bizarrices do mundo do rock.

50

OLD SKULL

Relembre ou fique por dentro de como foi o metal no passado.

EQUIPE

Editor Chefe: Pedro Humangous
Redatores: Augusto Hunter e Yuri Azaghal
Designer: Ricardo Thomaz
Publicidade: Maicon Leite
Revisão: Fernanda Cunha
Web Designer: William Vilela
Colaboradores: Christiano K.O.D.A, Marcos Garcia e Júnior Frascá.
Colaboraram nesta edição: Emily Totenkult e Gustavo Telatin.

Errata: Na edição 9, a resenha do Paradise Lost acabou saindo com o texto da resenha da banda Vulture.

Envio de Material:
Rua Alecrim, Lote 4, Ap. 1301 - Ed. Mirante das Águas
Águas Claras - Brasília/DF - CEP: 71.909-360

Nada de novo no que será dito. Afinal, não há como escapar disso, quando se trata do Terrorizer: a banda é uma lenda. Tão lenda que deu nome a uma das mais conceituadas revistas de Metal do planeta. Tão lenda que conta em sua formação com um dos pioneiros dos blast beats, o baterista Pete Sandoval. Tão lenda que, mesmo com a morte do carismático guitarrista Pete Sandoval (ex-Napalm Death e Lock Up), conseguiu manter a chama acesa e lançou, há alguns meses, um disco excelente, "Hordes of Zombies". A HELL DIVINE conversou com o simpático vocalista Anthony "Wolf" Rezhawk, que falou sobre o novo trabalho e o anterior, "Darker Days Ahead", além de comentar a participação de David Vincent (vocalista/baixista do Morbid Angel) nas gravações e fazer outras boas revelações. Melhor não estragar as surpresas, né? E para constar: a guitarrista Katina Culture completa a formação do trio. Vamos tocar o terror!

HELL DIVINE: Como você vê a evolução entre os álbuns "Darker Days Ahead" and "Hordes of Zombies"?

ANTHONY "WOLF" REZHAWK: "Darker Days Ahead" é, definitivamente, um lançamento histórico do Terrorizer, por ser a última gravação que nosso irmão Jesse Pintado (RIP) iria deixar para os fãs. Além disso, "Hordes of Zombies" é uma evolução, não somente perante "Darker Days Ahead", mas também perante

"World Downfall" (N.R.: debut da banda). O Terrorizer, como banda, é mais um espírito do que um ser físico e, como tal, sua evolução é natural, sem ser nada forçado ou premeditado. É apenas algo que flui e voa no seu próprio ritmo.

HELL DIVINE: A propósito, "Darker Days..." parece ser mais obscuro e negro do que "Hordes...", que é mais direto. Você concorda com isso?

ANTHONY "WOLF" REZHAWK: Nunca olhei por essa perspectiva, mas de certo modo você pode estar certo. Pessoalmente, sinto que "Hordes..." é mais brutal e devastador. Ele é mais porrada, não somente para o cérebro, mas para o espírito. Eu diria que "Darker Days" tem uma vibração mais Death Metal/Hardcore e "Hordes..." vai mais pelo lado do Grind/Death.

HELL DIVINE: Pete Sandoval disse que "Hordes of Zombies" é como uma "parte 2" de "World Downfall". Você concorda com ele?

ANTHONY "WOLF" REZHAWK: Sem dúvida! A diferença é que "Hordes..." incorpora questões que influenciam ou nos afetam hoje. Aplicando isso ao método old school, fomos capazes de utilizar e misturar as ansiedades e tensões, não só filosóficas, mas também musicais, para toda uma nova geração de fãs de Metal extremo. Conforme o tempo passa, os verdadeiros guerreiros do Metal continuam atravessando a linha para as fileiras do Terrorizer. Esse lançamento, certamente, se tornará outro clássico do Metal extremo de seu tempo, sem dúvida alguma!

HELL DIVINE: Passados alguns meses do lançamento do álbum, como se sente em relação a ele? Há alguma coisa que você modificaria hoje?

ANTHONY "WOLF" REZHAWK: Não mudaria nada, está perfeito! Todos nós amamos a libertação, a performance e a maravilhosa produção de Dan Swanö no Unisound Studios. Quando escuto o disco, posso verdadeiramente dizer que me leva a um bom caminho. Novamente, este álbum não foi escrito de maneira premeditada. Foi, na verdade, escrito de uma forma cerimonial, na qual fomos condutos do espírito Terrorizer. Não pensamos em escrever algo para que gostem ou aceitem, mas sim traduzir o que veio até nós naturalmente naquele momento.

HELL DIVINE: Em sua opinião, qual a música mais poderosa do álbum? Por quê?

ANTHONY "WOLF" REZHAWK: Essa é uma pergunta difícil de responder, eu gosto de todas as músicas. Entretanto, acho que escolherei "Hordes of Zombies", porque foi a primeira canção que escrevemos e, com ela, abrimos o arsenal do Terrorizer. Foi com essa música que sentimos que tínhamos entrado em um espaço sagrado e percebemos que as restantes seriam igualmente intensas e brutais.

HELL DIVINE: Sua voz está mais gutural em "Hordes..." do que em "Darker Days...". Por que escolheu fazer assim dessa vez?

ANTHONY "WOLF" REZHAWK: Para começar, "Darker Days..." foi produzido por Juan "Punchy" Gonzales, e "Hordes..." por mim. Isso já é uma grande diferença. Punchy tinha sua própria visão de como aquele álbum deveria soar. Parece-me que ele queria incorporar uma sonoridade meio popular de Hardcore Metal naquela época. Se eu pudesse fazer qualquer coisa na produção daquele disco, eu faria meus vocais do jeito que ficaram em "Hordes...". Para ser honesto, não gostei da produção desse álbum e quis mudar algumas coisas – a maioria na guitarra e no vocal – mas eu era novo na banda e, mesmo que Jesse quisesse ouvir minhas ideias, fomos uma minoria perante os que tomariam a decisão final na época. Disseram-me "você poderá testar suas ideias no próximo álbum" e assim foi. Meus vocais no "Hordes..." estão exatamente como eu queria.

HELL DIVINE: Katina Culture é uma musicista excelente. Você acha que ela sentiu a responsabilidade de "substituir" Jesse Pintado?

ANTHONY "WOLF" REZHAWK: Kat é uma pessoa muito sangue-frio, que leva uma vida sem muito estresse. Não acho que ela pensou no conceito de "substituir" Jesse Pintado. Ela estava mais concentrada em tocar de maneira precisa, brutal e devastadora. Talvez o fato de ela e Jesse já terem tocado juntos no Resistant Culture (N.R.: outra banda de Wolf) – Jesse gravou a guitarra em "Welcome to Reality" antes de sua morte prematura – tenha dado a ela uma perspectiva dele como guitarrista e ser humano. Kat é uma guitarrista confessa de formação clássica que sabe como colocar os dedos ao redor do braço da guitarra melhor do que um monte de guitarristas que eu conheço.

HELL DIVINE: Quem é o baixista no videoclipe de "Hordes of Zombies"? Aliás, vocês já encontraram um?

ANTHONY "WOLF" REZHAWK: O cara tocando baixo no vídeo é nosso amigo Zero. Ele é um amigo do Resistant Culture e do Terrorizer que emprestou seus serviços para o vídeo apenas. Nós, na verdade, não estamos à procura de um baixista por si só. Para nós, Terrorizer é, na realidade, um trio. O jeito como lidaremos com essa situação será contratar baixistas conforme precisarmos deles. Temos uma química muito boa entre Kat, Pete e eu. É algo mágico e queremos manter isso assim. Se, por alguma razão, acharmos alguém que se encaixe em nossa estrutura – química e atitude – consideraremos a possibilidade, mas por agora, estamos bem como estamos.

HELL DIVINE: Vocês pensam em gravar um DVD ou outro clipe?

ANTHONY "WOLF" REZHAWK: Sem dúvida! Já estamos explorando nossas opções para um novo videoclipe e tal. Veremos o que acontecer em breve. Nós os manteremos informados sobre isso.

TOCANDO O TERROR

HELL DIVINE: David Vincent é um membro original do Terrorizer, mas ele apenas gravou o baixo no novo álbum. Você está mais envolvido com a banda do que ele. Qual a sua opinião sobre a contribuição de Vincent para "Hordes of Zombies"? Você acha que foi algo realmente necessário? Por que vocês o chamaram?

ANTHONY "WOLF" REZHAWK: Para começo de conversa, baseado no que Pete me contou, a contribuição de David Vincent ainda em "World Downfall" foi como músico de estúdio, e não como membro. Usar David para gravar o baixo em "Hordes..." não foi nossa ideia. Nós, na verdade, tínhamos outra pessoa em mente e já estávamos preparados para seguir em frente com ela, mas nossa gravadora, a Season of Mist, pediu para colocarmos David em vez dessa pessoa. Eles pensaram que trazê-lo a bordo aumentaria a visibilidade e o interesse na banda, e como o Morbid Angel também está na gravadora, ficou mais fácil fazer isso, apesar do fato de que ele estava muito ocupado com o lançamento do novo álbum do Morbid. Como banda, não achamos necessário tê-lo nessa gravação, especialmente por termos diferenças musicais e também pelo fato de que, quando ele veio gravar as sessões de baixo, todas as músicas já estavam escritas por Kat e eu.

HELL DIVINE: Pete Sandoval fez uma promessa: Terrorizer virá ao Brasil logo. Bem, quando é esse "logo" (risos)?

ANTHONY "WOLF" REZHAWK: Assim que pudermos (risos)!

HELL DIVINE: Atualmente, qual a sua prioridade: Resistant Culture ou Terrorizer?

ANTHONY "WOLF" REZHAWK: Ambas são prioridades na minha vida e, de bom grado, enquanto houver vida, haverá tempo para fazer acontecer. De fato, o Resistant Culture acabou de gravar uma demo do novo trabalho que estamos desenvolvendo. Esse novo registro será produzido por mim e mixado e masterizado por Dan Swanö. A demo está matadora e estamos procurando um selo para lançar o material. Mal posso esperar para que o mundo escute isso! E também estamos trabalhando em um novo álbum do Terrorizer. Mais novidades em breve.

HELL DIVINE: Agradeço demais a entrevista, Wolf. Por favor, deixe uma mensagem para os fãs brasileiros.

ANTHONY "WOLF" REZHAWK: Primeiramente, gostaria de agradecer a vocês por me darem a oportunidade de me expressar para seus leitores, eu realmente curti! Hell Divine é uma revista virtual sensacional. Continuem com esse grande trabalho! Tenho muito respeito e apreço por aqueles que apoiam o Terrorizer! E para os que ainda não ouviram nosso novo álbum, pedimos que o façam e se alistem nas fileiras do Terrorizer. Para todos os que leram esta entrevista, gostaria de desejar tudo de bom nesses tempos tão negros e incertos.

Por Christiano K.O.D.A.



O melhor que o EXTREMO e o DARK tem a oferecer com os MELHORES preços

sepulcrum.com.br

contato@sepulcrum.com

 Aborted
 Anaal Nathrakh
 Ulver
 Darkthrone
 Luxúria de Lillith
 Arkenstone



ORGULHOSAMENTE APRESENTA



Setembro Negro

RECIFE



Borgoroth

KEEP OF KALESSIN

ÚNICA APRESENTAÇÃO NO NORDESTE!!!!



E MAIS!



OS 200 PRIMEIROS INGRESSOS VENDIDOS CONCORRERÃO AO SORTEIO DE UMA GUITARRA AUTOGRAFADA!



PATROCÍNIO



DOMINGO/09/SET
CLUBE ATLÂNTICO DE OLINDA-15H
 R\$ 50,00 (MEIA) E R\$ 65,00 (SOCIAL)
 À VENDA NA BLACKOUT DISCOS, DISCO DE OURO, ARMORIAL E VINIL ALTERNATIVO
 INFO: 81 8758.6610 ou ALCIDESBURN@YAHOO.COM.BR

APOIO








KIKO LOUREIRO

MUITO ALÉM DAS SEIS CORDAS

Sem dúvida, o guitarrista Kiko Loureiro é um dos músicos mais respeitadas do Brasil. Desde que alcançou o sucesso mundial com o Angra, no início da década de 90, o cara sempre se destacou como instrumentista e como compositor. E, desde 2004, iniciou sua carreira solo, que também tem feito bastante sucesso mundo afora. Nessa entrevista, concedida por Kiko direto da Finlândia, ele nos conta um pouco sobre seu novo disco solo, "Sounds of Innocence", que acaba de sair no mercado nacional; fazendo um balanço de sua carreira até aqui, além de dar alguns detalhes da atual situação do Angra. Confirmam:



HELL DIVINE: Olá Kiko! Mesmo após vários anos à frente do Angra, com muito sucesso, tanto no Brasil, como no exterior, e também tendo uma respeitada carreira como professor de música, você decidiu iniciar sua carreira solo, baseada na música instrumental. Quais eram seus objetivos quando da gravação do seu primeiro disco, "No Gravity", em 2005? Você esperava lançar mais de um disco nesse formato?

KIKO: Obrigado pelas palavras. Sobre meus objetivos com o "No Gravity", na época do lançamento do "Temple of Shadows", do Angra, o Edu (Falaschi, ex-vocalista do Angra) já estava com certa dificuldade em gravar as vozes, como fica mais claro agora com sua saída do Angra. E então, nós fizemos todo o instrumental do TOS e ficamos com um tempo livre, esperando ele recuperar o problema da voz. Nesse meio tempo, conversando com o produtor Dennis Ward (Pink Cream 69, Unisonic), percebi que eu teria um bom tempo livre, pois não teríamos como fazer shows com o Angra, nem como terminar o álbum, e por eu ter algumas músicas bem com cara de instrumental mesmo – pois é um estilo que eu sempre gostei de ouvir, como os discos de Satriani, Vai, Greg Hall, Jeff Beck, caras que eu cresci ouvindo – mostrei para ele, que estava passando os últimos dias da gravação em minha casa. Ele gostou e me encorajou a fazer o disco. Na época, eu já tinha vários anos com o Angra, mas nunca tinha pensado em fazer um disco solo instrumental. Eu nunca esperava lançar mais discos nesse formato, mas tive o incentivo de Dennis e me senti mais seguro; não quanto às músicas, mas em relação à produção, estúdio, mixagem, masterização, capa, correr atrás de gravadora, e toda essa parte. Mas o engraçado é que o disco acabou saindo, em 2005, porque eu esperei com o disco pronto em casa por uns seis meses para não coincidir com o lançamento do "Temple of Shadows", para não atrapalhar o lançamento. E, já em 2006, eu lancei o disco "Universo Inverso", que é um pouco diferente, com várias influências de música brasileira, justamente para fugir do lance do Angra, não ficar fazendo o mesmo tipo de som, e dar vazão a outras vontades musicais, que eu acho mesmo que é pra isso que serve uma carreira solo: fazer algo completamente diferente de sua banda principal.

HELL DIVINE: E você acaba de colocar no mercado seu quarto disco solo, o excelente "Sounds of Innocence", o qual contém alguns dos melhores riffs, solos e arranjos de toda sua carreira. Como se deu o processo de composição do trabalho, e como ocorreu a escolha do baterista VirgilDonati para ingressar em sua banda solo? Ele aceitou o convite de imediato?

KIKO: Eu compus o disco inteiramente sozinho, programei todas as bateras, e fiz uma demo como eu nunca tinha feito antes: bem completa, com os teclados, solos, e com a batera razoavelmente bem programada. Fiz isso, a partir de julho de 2011, e até outubro/novembro já estava tudo pronto. Em novembro, eu fui para a Ásia e ficava de vez em quando no estúdio ouvindo a demo novamente, fazendo alguns acertos. Em dezembro, voltei para o Brasil e

comecei a procurar algum baterista, porque eu tentei encontrar alguém aqui na Finlândia, mas estava meio complicado. E ter o Virgil em um de meus discos é uma vontade que eu sempre tive, pois eu já o conhecia há muito tempo. Nas novas músicas, eu fiz algumas partes mais progressivas, fusion, um pouco mais complicadas em termos de batera; mas também outras mais diretas, com bumbo duplo, na linha metal mesmo, e é difícil encontrar um batera que vá legal nas duas ondas. Ele cumpriu todos os prazos que combinamos, de forma bem rápida e de um jeito fantástico. É claro que eu tinha uma demo bem pronta, com uma referência muito boa para o batera – que poderia criar algo em cima, ou seguir a demo colocando o estilo próprio dele, que daria certo também. E o Virgil fez mais ou menos isso, seguiu as linhas da demo, do jeito dele, e as músicas todas cresceram com o toque dele. Ele aceitou o convite de imediato, porque ele já me conhecia, e eu mandei as músicas para ele, que gostou e ficou empolgado, assim como o Mike Terrana (que gravou os discos anteriores do guitarrista) já tinha ficado. Geralmente, os bateras ficam empolgados pelo lance de ter a música brasileira, pois eles têm esse ideal da música latina, brasileira, de ser algo desafiador, e quando veem um músico que gosta do estilo deles e que quer fazer um som no estilo deles, mas também incluir algo de música brasileira, ficam realmente empolgados, e com o Virgil não foi diferente.

HELL DIVINE: Logo na primeira audição do novo disco, é possível perceber que se trata de seu álbum mais progressivo até o momento. Essa foi sua intenção desde o início do processo de composição, ou foi algo natural? O quanto a parceria com VirgilDonati e Felipe Andreoli contribuiu para essa tendência progressiva?

KIKO: Quando inicio um processo de composição, não fico pensando muito se vai ficar mais progressivo ou não; vou fazendo as músicas de forma natural. Eu só não deixo ficar muito progressivo, muito complicado, sempre tento balancear com músicas que acho que não são nem um pouco complicadas. O Virgil criou várias levadas e viradas que fizeram as composições crescerem, assim como o Felipe, pois sempre que você trabalha com grandes músicos a música cresce. E, justamente, é essa a ideia de se convidá-los, senão a gente faria tudo de forma eletrônica mesmo né (risos)? O que ficaria mais sem graça. Assim, quando a música está ali, pronta, você chama um músico fenomenal para dar vida a ela, sair daquela coisa da demo; e o Virgil e o Felipe, com certeza, fazem isso muito bem.

HELL DIVINE: Outro ponto de destaque do material é a variedade das composições, já que existem diversos momentos voltados ao Heavy Metal, com solos mais virtuosos e técnicos, e outros mais calmos e ambientais, flertando com diversos outros estilos, e em que o feeling se destaca. Você acredita que conseguiu atingir seus objetivos no material e que "SoundsofInnocence" apresenta sua melhor performance até o momento?

KIKO: Exatamente! Procurei fazer um disco que é complicado e, talvez, mais pesado em uma música, e mais prog na outra. Mas eu gosto muito de tocar músicas como você disse, em que o feeling se destaca, como "Mae D'agua", "Relective", e também "Ray of Life", que eu acho meio americana, meio pop e na qual eu toco um samba no meio. Então, gosto muito de tocar músicas mais tranquilas assim, que nem tem solos rápidos, usando outras melodias. Muitas vezes, eu componho a música no piano, como o caso de "Mae D'agua". E muitas

músicas eu experimento tocar em outros instrumentos também, como violão, guitarra com distorção e piano, ou teclado com outros timbres, para ir sentindo a música em si, se a melodia funciona ou não. E fiquei bem contente com o disco, com as músicas que fiz, mas esse negócio é muito íntimo, né? Essa coisa de você estar contente com sua obra...Você sempre acha que podia fazer alguma coisa diferente, alguma solução melhor que você não encontra, e acaba tendo que se contentar com essa ingenuidade da solução que aparece. Até por isso coloquei esse nome no disco. Basicamente, na música instrumental – por ser algo que você compõe sozinho – você tem que acreditar muito no que você faz, na melodia que “sai” de você. Assim, se você fica muito encanado se é bom ou se é ruim, se as pessoas vão gostar, que tem cara melhor... Todo dia você se conecta ao Youtube e encontram cara, sei lá, do Paquistão, tocando violão de 30 cordas! Ai você fica louco, pois tem muita coisa legal no mundo, muita gente boa tocando, e você se pergunta: onde eu me encaixo nisso? Por isso, você tem que ter um pouco dessa ingenuidade, de acreditar, como uma criança faz mesmo, de sonhar, de crer de uma forma mais lúdica na música que você faz e se sentir bem com ela; e colocar para fora aquilo que você está produzindo, sem muitas encanações maiores. Portanto, quanto mais o tempo passa e mais discos você faz, acho que fica mais difícil. Então, se desprender disso, voltar a ter essa ingenuidade, essa inocência, acreditar em coisas simples, é o caminho.

HELL DIVINE: Em seus trabalhos solo, você se sente mais a vontade criando faixas mais pesadas e técnicas, como “Gray Sone Gateway” e “Conflicted”, ou nos momentos mais experimentais e menos agressivos, como em “Mae D’água”, “Relective” e “TwistedHorizon”?

KIKO: Depende. Eu me sinto bem nos dois lados, cada música reflete um momento, um dia, uma semana. Você acaba trabalhando em uma música durante toda uma semana e fica envolvido naquilo, e tem outras músicas como essas que você citou e outras menos agressivas. Você fica repetindo essas músicas, tocando-a em instrumentos diferentes, encontrando o caminho das músicas aos poucos.

HELL DIVINE: Há planos para uma turnê de divulgação do disco novo, como a nova formação, inclusive no Brasil?

KIKO: Agora em junho, o Felipe Andreoli, o Marcelo Moreira e eu fizemos dez shows no Brasil, meio que como um aquecimento para shows muito importantes que teríamos no Japão, e não poderíamos chegar lá “crus”. Nesses shows, já tocamos algumas músicas novas e já foi uma “pré-estreia” do disco. Agora, vou para a Alemanha e, em setembro, tenho uma turnê da Lane (dos amplificadores que eu toco) e teremos uns dez eventos, sendo uns quatro ou cinco no Brasil. Também irei para o Chile, Argentina, Bolívia, Peru e acho que também vai rolar Nicarágua, Costa Rica e mais países na América Central. Pretendo, ainda, fazer mais shows com o Felipe e com o Moreira, pois os anteriores foram bem legais e acabamos de voltar da turnê no Japão para lançamento do disco lá, com shows fantásticos, inclusive sendo sold out em Tóquio. E os shows foram fantásticos não só pelos equipamentos, mas pelos fãs de lá; é sempre bom voltar para um país tão diferente como o Japão, em que a galera realmente curte seu som. Depois nas entrevistas que eu fiz, percebi que a galera curtiu mesmo. Com isso, nós três ficamos ainda mais incentivados a fazer mais shows.

HELL DIVINE: Você acredita que já chegou a um ponto de sua carreira em que atingiu a maturidade musical plena, ou você ainda estuda técnicas e procura ampliar seus conhecimentos musicais? Aliás, você realmente se mudou definitivamente para a Europa?

KIKO: Esse negócio da maturidade, realmente, existe em certos aspectos. Até esse nome, “Sounds of Innocence” tem alguma relação com isso. Esse negócio da maturidade acaba atrapalhando em muitos momentos, pois você fica encanado em fazer alguma coisa melhor do que você está fazendo e, então, volta a inocência, a ingenuidade que, se você prestar atenção, está presente no “Angels Cry”, que é aquela imaturidade carregada de energia, de inocência, de ingenuidade, achando que pode conquistar o mundo, e é um disco que até hoje a galera gosta. O “No Gravity” é a mesma coisa, meu primeiro disco solo, metendo as caras, acreditando... E por ser o primeiro, vale tudo, você vai com tudo, e acaba que o “No Gravity” também é o disco que a galera mais gosta dos meus trabalhos solos. Então, a maturidade tem o seu lado bom e o seu lado ruim. Sobre as técnicas, ainda estudo algumas coisas, outras já estão lá. Mas a música não é uma competição e você apenas quer agradar a si mesmo e, consequentemente, sendo uma coisa verdadeira, você acaba agradando às outras pessoas em volta. Isso de ficar estudando técnica e querer ser o cara mais veloz e complexo do mundo também é perigoso, então é algo que eu fiz bastante quando eu era adolescente. Apenas procuro ampliar meus conhecimentos musicais, que hoje significa ouvir, pesquisar e tentar me encontrar mesmo, achar o que eu gosto e o que eu não gosto. Na verdade, não me mudei totalmente para a Europa, eu estou aqui e lá. Inclusive, agora estou na Europa por causa desse Summer Camp na Alemanha, o qual talvez eu não fizesse se estivesse no Brasil.

HELL DIVINE: Olhando para trás, como você vê a evolução de sua carreira, desde o lançamento de “Angels Cry” até “Sounds of Innocence”? Você acredita que todos os seus objetivos já foram alcançados, ou há ainda alguma meta a ser atingida em sua carreira?

KIKO: Como eu disse, o negócio é estar satisfeito com o que eu estou tocando, e esse lance dos objetivos é algo um pouco difícil. Realmente, atingimos objetivos que nem imaginávamos quando começamos lá atrás, e é muito satisfatório voltar ao Japão, por exemplo, e ver como é forte o “Angels Cry” lá. No Brasil também, onde encontramos pessoas que tocam porque começaram a ouvir o Angra, e hoje são grandes músicos. Só com isso já podemos falar que os objetivos foram alcançados, seria meio hipócrita falar que não. Mas é claro que a gente sempre tem outras vontades, fazer outras coisas, e de continuar, de gravar mais discos com o Angra, de fazer outros discos solos, de tocar com músicos diferentes, e a carreira te dá oportunidade de encontrar os seus ídolos e talvez até tocar com eles, e tudo mais.

HELL DIVINE: Mudando um pouco de assunto, nos últimos meses, o público recebeu uma enxurrada de notícias nada animadoras sobre o Angra, inclusive com a fatídica saída do vocalista Edu Falaschi. Além disso, você anunciou que ficaria também bastante tempona Europa, mas afirmou em outras entrevistas que a banda não encerrou suas atividades. Vocês já têm planos para um futuro breve, ou pretendem analisar a situação com calma, para escolher qual o melhor caminho a seguir? Vocês já estão procurando por um novo vocalista?

KIKO: Realmente, as notícias do Angra não foram nada animadoras. A saída do Edu já era uma coisa que, talvez para os fãs, tenha parecido muito estranha, mas quem já acompanhava de perto a carreira da banda já percebia que havia um problema. Nós demos todo o tempo necessário para o Edu chegar a essa conclusão, que o ideal era ele se afastar da banda. Eu sempre falo “se afastar” porque ele é um excelente músico, excelente compositor, excelente cantor que está passando por uma fase com problemas na voz que está durando, e trouxe uma série de desavenças dentro da banda por causa disso. Então, acho que o melhor era se afastar. E nós nem estamos procurando vocalista agora. O que eu tenho vontade de fazer agora, como sempre falo, é compor, pois acho que a única coisa que há, de verdade, numa banda são as músicas, as composições. Foi a mesma coisa no “Rebirth”, ficamos o Rafael e eu, saíram o André, o Ricardo e o Luiz, e a única coisa que nos motivou foram as músicas. Compusemos a “Rebirth”, “Holly Wars”,

“Running Alone” e “Acid Rain”, e elas que nos deram motivação. Mas essas quatro músicas que citei foram fundamentais para dar esse ânimo, para sentir que a banda existe, porque senão vira uma banda cover, né? Quem sabe um dia a gente faça isso, fique tocando música velha e tal. Na verdade, como a carreira é longa, nos shows você acaba sempre tocando mais músicas velhas do que as novas. Isso é óbvio, mas você tem que ter um propósito, uma motivação, porque você está ali criando. O ser humano, sem produzir, não se sente vivo, tem sempre que estar fazendo algo novo.

Entrevista: Junior Frascá

Apoio: Fausto Mucin



Agora você pode degustar na TERRA a única cerveja que caiu do CÉU e que é desejada no INFERNO.

HELL DIVINE BIER, Smoked Red Ale
Produção ultralimitada e exclusiva. Reserve logo a sua.

vendasjohnsbeer@gmail.com
(61) 8114 7415 - 9248 5817 - 3543 1197
R\$ 16,00 cada - 600 ml
Disponível em agosto/2012

HELL DIVINE
em parceria com a John's Beer

Não há mais nada a ser dito sobre a banda de Death Metal Master. Com quase 30 anos de existência, tendo várias formações (com alguns músicos famosos como Paul Mavisdal), e sendo um dos co-criadores do Death Metal junto com o Death e o Possessed nos anos 80, o nome da banda é uma lenda entre os fãs de Death Metal. Aproveitando o lançamento de "The New Elite" (lançado pela Pulverised Records), tivemos a oportunidade de falar um pouco com Paul Speckmann, fundador e mentor da banda.

HELL DIVINE: Olá, Paul! É bom conversar com você novamente. Para começar, vamos falar do tempo entre "The Human Machine" (NR: CD anterior da banda) e "The New Elite". Como foi a aceitação de público e mídia especializada para o "The Human Machine"? Ele aumentou as fileiras de fãs do Master?

PAUL: "The New Elite" foi gravado em outubro de 2011, então foi um longo tempo de espera entre a gravação e o lançamento, mas finalmente ele saiu e, no momento, a resposta tem sido esmagadora nas revistas, mas veremos se os fãs comprarão ou apenas farão downloads ilegais, como eles em geral fazem. É difícil dizer qual a resposta em um estágio tão cedo. "The New Elite" foi lançado oficialmente na Europa em 5 de julho, e para o resto do mundo será em 14 de agosto. Para "The Human Machine" a resposta foi boa e o CD continua vendendo neste momento. Acho que o maior problema com o Master ainda é a promoção. A banda, realmente, nunca tem a promoção que merece de verdade. Pequenos selos não possuem o poder de uma, digamos, Nuclear Blast, por exemplo, e com a Pulverised, lançando

novos produtos a cada mês, o Master fica perdido no meio do caos!

HELL DIVINE: "The New Elite" acaba de ser lançado, então nos conte um pouco como foram as gravações, e como você as compara ao "The Human Machine"?

PAUL: As gravações foram virtualmente a mesma coisa. Como sempre, eu escrevi as músicas em um mini-gravador cassete e levei os arranjos para o estúdio onde ensaiamos e trabalhamos os arranjos. Alex Nejezchleba também faz a mesma coisa, trazendo novas músicas e ideias para por na mesa para conversarmos. Zdenek adiciona a bateria, e trabalhamos nisso até que soe bom. Normalmente, praticamos entre 10 e 15 vezes, então entramos em estúdio e gravamos. A coisa boa é que nos Shaark Studios, aqui na República Tcheca, eles têm um interesse pessoal no novo projeto do Master. O irmão do guitarrista Nejezchleba, Petr, é o dono do estúdio, então as coisas fluem suavemente na maioria das vezes.

HELL DIVINE: Poderia nos dizer qual o conceito por trás do nome do CD? O nome "The New Elite" tem um amplo espectro de interpretações...

PAUL: A liberdade está se tornando obsoleta no mundo enquanto os super senhores estão ditando o jeito que todos devemos viver. A Nova Elite (NR.: tradução de The New Elite), com todo seu poder e dinheiro, está controlando os movimentos da sociedade, e logo todas as pessoas estarão sob seu controle para a maior Máquina Humana (NR.: tradução para The Human Machine)! Esperançosamente, as pessoas irão compreender as mensagens nessas músicas e tomarão as devidas providências para garantir a liberdade, em minha opinião, senão estaremos condenados a uma ditadura com certeza.

HELL DIVINE: Ouvindo cuidadosamente o novo CD, observo que ele trouxe alguns elementos dos álbuns dos anos 90, especialmente "Master" e "On the Seventh Day God Created... Master", isso é verdade? Ou você tem outra opinião sobre isso?

PAUL: Não concordo. Escrevo as músicas como elas vêm e qualquer similaridade é apenas devido a eu ser Speckmann. Provavelmente, tendo a me repetir de tempos em tempos. É o que chamamos estilo. É como quando se ouve um disco do Motorhead, por exemplo, você ouve elementos similares que lhe dizem que isso é o Motorhead ou o Master! Escrevo álbuns com o melhor de minha habilidade e qualquer similaridade é mera coincidência em minha opinião!

HELL DIVINE: Falando das letras da banda, que é uma das maiores diferenças entre o Master e outras bandas de Death Metal. Desde o início, você sempre usou uma visão mais realista nelas, falando sobre política e rebelião contra o sistema, enquanto outros preferem falar sobre Satã, sangue, e outros temas sem conexão com a realidade do mundo. Você acredita que isso seja um diferencial? E nas letras e trabalho musical da banda, Zden k (baterista) e Alex (guitarrista) contribuem de alguma forma?

PAUL: Prefiro falar da verdade. Admito que gosto de ler ficção, então sem problemas com isso, mas meus temas sempre tratam as realidades da vida como as conhecemos. Prefiro me aproximar de assuntos que estão acontecendo por todo mundo hoje. O homem tem muitos problemas com uma luta pelo poder; a juventude de hoje precisa retomar o poder. Satã ou Jesus não entram no cálculo, como eu acredito. Como disse antes, os rapazes adicionam seus próprios toques pessoais às canções, pois eles são profissionais com seus próprios backgrounds; elementos diferentes aparecem nos arranjos de tempos em tempos, o que é como temperar um ótimo bife!!

HELL DIVINE: Falando deles, ambos estão com você deste o "Spirit of the West" e, antes dele, a formação da banda teve muitas mudanças. Então, você pode dizer que eles estão antenados com o som do Master?

PAUL: Temos estado excursionando, gravando e tocando juntos por nove anos, logo, sim, eles estão no Master!

HELL DIVINE: E qual é a grande diferença entre ter Zden k e Alex com você na banda e os outros membros?

PAUL: Os ex-membros estavam sempre mais preocupados com dinheiro do que com a realidade do trabalho pesado! "Queremos mais dinheiro, mas também queremos ter nossas próprias vidas e o Master é um hobby para nós" era a atitude em geral. "Sem ensaios por hoje, pois é o aniversário de minha mãe". Não é fácil com quaisquer músicos, realmente, pois todos eles são uma espécie rara; mas esta é a melhor formação que já tive e espero manter esta turma em conjunto o maior tempo possível, com certeza.

HELL DIVINE: Ainda falando sobre os membros da banda: qual é o motivo para Alex Bouks e Jim Roe tomarem os lugares de Zden k e Alex nas excursões das Américas do Norte e Sul?

PAUL: Felizmente, não há nada de errado com eles... É um problema relacionado a tirar vistos de trabalho para irem aos EUA. É mais barato viajar por lá eu mesmo e as coisas são mais fáceis por todos os EUA com membros norte americanos. Alex estava na última excursão brasileira, e Zdenek estava ocupado com outra banda naquela mesma época, então ele foi substituído por Peter Bajci, também da República Tcheca! Alex e Zdenek estarão na próxima excursão brasileira, em novembro de 2012, e na excursão colombiana em janeiro de 2013.

HELL DIVINE: Paul, não é novidade para todos nós que você, junto com os caras do Death e Possessed, deram vida ao Death Metal. Você pode nos dizer qual é a sua visão da grande diversidade que existe no estilo agora? De algumas formas, o Death Metal é a subdivisão do Metal que consegue assimilar qualquer coisa que se faça nele, musicalmente falando... E sobre a cena do Metal? Existe alguma grande diferença entre a atualidade e a época em que você começou o Master?

PAUL: Lamento dizer que, em minha opinião, muitas bandas são clones das bandas do passado, indo tão longe como roubar os riffs e, às vezes, até mesmo o som. Hoje, o mercado está saturado com imitadores, que vão todos para o mesmo estúdio e copiar o mesmo som. É por isso que eu estou feliz demais em dizer que as gravações do Master não soam como a geração mais recente da chamada cena Death Metal. A cena Metal está prosperando ainda aqui na Europa, com certeza, com todas as possibilidades para fazer shows e festivais de bandas ainda disponíveis para boas bandas!

HELL DIVINE: Agradecemos muito por sua gentileza e atenção, então, por favor, deixe sua mensagem final e considerações para seus fãs brasileiros e leitores da Hell Divine.

PAUL: Estou ansioso para ver meus amigos brasileiros novamente, então saiam e apoiem o underground!

Entrevista por Marcos Garcia.



Ainda não muito “popular” (guardadas as devidas proporções) no Brasil, o Coldworker é um grupo de Death Metal/Grindcore que acaba de soltar o surpreendente álbum “The Doomsayer’s Call”, lançado nacionalmente pela Shinigami Records. E foi por intermédio da gravadora que a HELL DIVINE conversou com o guitarrista Anders Bertilsson, que contou mais sobre o conjunto e seu nome, além de falar sobre o lançamento do disco. Os outros integrantes são Oskar Pålsson (baixo), Joel Fornbrant (vocal), Daniel Schröder (guitarra) e Anders Jakobson (bateria). Com vocês, os “trabalhadores a frio”!

HELL DIVINE: O Coldworker ainda não é tão conhecido no Brasil. Portanto, por favor, pode contar um pouco sobre a banda e seu nome?

ANDERS BERTILSSON: Somos um quinteto de Death Metal de Örebro, na Suécia. Lançamos três álbuns e fizemos partes de vários tributos, assim como alguns split EP’s. Nosso baterista Anders Jakobson “tropeçou” no termo “cold work” (N.T.: trabalho a frio, em tradução livre) enquanto pesquisava sugestões de nomes. “Cold work” é um tipo de indústria quanto se lapida um metal sem o uso de calor. Descobrimos que éramos um bando de escandinavos (sem calor) criando metal. Além disso, de acordo com as páginas de web, o termo “cold working” envolve operações que incluem moer, explodir, esculpir e outras coisas, e isso é exatamente o que fazemos.

HELL DIVINE: Vocês começaram as atividades, em 2006, e lançaram o full-length “The Contaminated Void” no mesmo ano. Como conseguiram isso?

ANDERS BERTILSSON: Desde que tivemos contato estabelecido com nossa gravadora na época por meio do nosso baterista, a Relapse Records, conversamos com eles, que ficaram interessados em nos contratar. Tínhamos que conseguir material para um álbum inteiro rapidamente e, portanto, não havia tempo a perder. Gravamos “The Contaminated Void” no verão (na Suécia) e o disco acabou lançado em novembro de 2006.

HELL DIVINE: O estilo de música de vocês é uma mistura de Death Metal americano e Grindcore europeu. Concorda com isso? O que pode dizer sobre isso?

ANDERS BERTILSSON: Sim, essa é uma boa descrição! Eu considero a

banda como Death Metal com influências de outros vários gêneros de Metal, sendo o Grindcore talvez o mais notável. Mas tentamos trazer influências de onde quer que sintamos que se encaixa na música.

HELL DIVINE: Recentemente, vocês lançaram o novo disco - “The Doomsayer’s Call”. Como descreve o CD?

ANDERS BERTILSSON: É como o próximo passo lógico para o Coldworker como banda. Para mim, é um álbum que solidifica o que é nossa música, e acho que o trabalho está mais dinâmico do que em nossos dois álbuns anteriores. Ele aju-



COLDWORKER

TRABALHANDO DURO

da a expandir nossas ambições musicais e as canaliza para algo focado, em vez de ir por todas as direções.

HELL DIVINE: A capa do álbum é maravilhosa. Como vocês desenvolveram sua concepção?

ANDERS BERTILSSON: Obrigado! Sabíamos desde o início que queríamos algo um pouco diferente do que seria comumente esperado de uma banda de Death Metal. Tivemos a honra de ter a arte de nossos álbuns anteriores feitas por Orion Landau e eles contêm uma figura central. Todos nós esperávamos nesse disco algo diferente dos outros, mas ainda com essa figura central. A ideia surgiu quando eu disse “Metropolis”, referindo-me ao filme de 1927, do diretor Fritz Lang. Conversei com os outros caras e disse que seria demais ter uma arte inspirada nisso. Joel (N.T.: Fornbrant, vocalista) imediatamente gostou da ideia e os outros também acharam que seria legal. Então, entramos em contato com Pär Olofsson, que já tinha feito trabalhos incríveis para várias bandas. Ele imaginou nossas ideias e criou uma obra de arte na capa do álbum. Eu entendo bastante de quadrinhos, embora eu não veja esse trabalho como um (mas provavelmente é, porque conheço a história por trás da concepção). Acho que as pessoas podem interpretar a capa a sua maneira, mas existe uma ideia por trás dela.

HELL DIVINE: O Coldworker é uma ótima banda sueca. Você acha que têm o reconhecimento que merecem?

ANDERS BERTILSSON: Bem, acho que sim, já que não temos feito turnês o bastante para sermos uma “banda maior”. Nós todos gostaríamos de tocar bem mais ao vivo, mas temos tido momentos ruins e circunstâncias desagradáveis que tornaram difícil sair e tocar. No entanto, estamos realmente tentando mudar isso agora.

HELL DIVINE: Vocês têm uma discografia relativamente grande. Não acha que é hora de lançar um DVD?

ANDERS BERTILSSON: Não há material suficiente gravado para isso infelizmente. Penso que é algo que não faríamos até tocarmos muito mais em turnês. Claro que seria legal, mas não acho que somos “grandes” o suficiente como bandas que gravam DVD.

HELL DIVINE: E um videoclipe?

ANDERS BERTILSSON: Seria um bom começo, mas ainda não discutimos essa ideia. Então, não sabemos se seria bom para nós agora. Mas se conseguíssemos concordar com as ideias e fazer o que gostaríamos, aí sim seria legal.

HELL DIVINE: Algum plano para tocar no Brasil?

ANDERS BERTILSSON: Adorariamos! Por enquanto, sem planos, mas fale com seus produtores para nos levarem até aí! O Brasil parece ser um país fantástico. Seria maravilhoso nos apresentarmos aí.

HELL DIVINE: Agradeço muito a entrevista. Por favor, deixe uma mensagem para os fãs brasileiros.

ANDERS BERTILSSON: Obrigado a você por esperar para conversar conosco! Esperamos poder vir e tocar para vocês, caras! No seu tempo! Confiram nosso novo álbum “The Doomsayer’s Call” e nosso website - www.coldworker.com. Obrigado, Brasil!

Por Christiano K.O.D.A.

DISTRAUGHT

ESPALHANDO SOM PESADO

O sul do Brasil sempre teve uma enorme importância para o Metal em nosso país. A banda Distraught vem batalhando duro durante anos e apresentando ótimos trabalhos ao longo de sua carreira. Depois do ótimo "Unnatural Display Of Art", lançado em 2009, parecia impossível superá-lo. Agora em 2012 a banda nos surpreende mais uma vez com o lançamento do "The Human Negligence", forte candidato a melhor do ano entre os nacionais. Conversamos com o guitarrista Ricardo Silveira sobre a experiência da banda em terras estrangeiras e o que podemos esperar do grupo depois do lançamento do novo disco. Confirmam!

HELL DIVINE: No mês de maio a banda excursionou pela Argentina ao lado do Climatic Terra. Como foi essa experiência em outro país? Foi positivo tocar por lá?

RICARDO: Foi excelente! Viajamos junto com nossos amigos da Climatic Terra e Nuevo Poder (ótima banda de San Juan). O público é muito receptivo, respeitam muito o Brasil e as bandas brasileiras. Foi a terceira vez que fomos e pretendemos voltar. Nessa última vez, tocamos em cidades que não tínhamos tocado antes, como Mendoza e San Juan, que são cidades muito bonitas e o público é "muy loco" (risos)! Fizemos grandes amigos por lá.

HELL DIVINE: Vocês vêm crescendo e aprimorando seu som disco após disco. O álbum passado "Unnatural Display Of Art" já foi um belo disco, difícil de superar. Quais as melhorias vocês apontariam entre o que fizeram anteriormente e "The Human Negligence", lançado agora em 2012?

RICARDO: Valeu! É sempre um grande desafio superar o anterior. Tivemos alguns problemas na fase do "Unnatural" que não queríamos que acontecesse de novo nesse último disco. Nesse álbum procuramos trabalhar com quem deu certo no "Unnatural", como o Marcelo Vasco

(artista gráfico) e o Heros Trench (mixagem e masterização), e na gravação conhecemos o Augusto Damé que fez um ótimo trabalho na captação do som nesse último álbum. Nas composições, pensamos em refrões e melodias marcantes sem perder o peso e a agressividade.

HELL DIVINE: Falando no novo álbum, ele possui algum tema principal? Do que se tratam as letras?

RICARDO: O tema das letras se refere à impunidade das autoridades governamentais que criam as leis, que não funcionam e só contribuem para aumentar a corrupção, à negligência humana com povos sofridos, miséria, guerras, ganância, terrorismo e injustiça, bem como manifestantes que lutam por seus direitos e para terem dias melhores. Foi e é uma maneira de nós, banda e fãs, nos manifestarmos contra essa merda toda que assistimos.

HELL DIVINE: “Unnatural Display Of Art” já tinha uma arte de capa incrível, porém, “The Human Negligence” ficou ainda melhor! Quem são os artistas gráficos por trás dessas maravilhosas e perturbadoras artes?

RICARDO: Marcelo Vasco (P2rdesign.com) foi quem fez as duas capas e a arte das camisetas também. Conheci ele através do Myspace e foi uma sorte achá-lo em 2008, época do “Unnatural”, que é uma ótima pessoa e um excelente profissional. Mais recentemente ele fez a capa do último do Soufly.

HELL DIVINE: O Thrash Metal foi uma febre nos anos 80 e aos poucos foi passando. Recentemente tivemos um retorno incrível do estilo com bandas revivendo a mesma sonoridade daquela época. Como vocês enxergam esse “revival” do estilo?

RICARDO: Acho muito positivo esse retorno. É bom para os fãs que vivenciaram a década de 80 como nós e é bom também para a gurizada que está chegando agora, de uma certa forma serão influenciados assim como nós fomos.

HELL DIVINE: As bandas estão lançando trabalhos cada

vez melhores e mais profissionais. Os produtores de shows e eventos estão acompanhando essa evolução? **RICARDO:** Acredito que alguns produtores sim, mas alguns não. Esses que não estão deveriam se esforçar mais, tanto na evolução profissional quanto na pessoal.

HELL DIVINE: Nesse ano estamos vendo uma avalanche de ótimos lançamentos. O que vocês escutaram até agora e o que podem nos indicar?

RICARDO: Não tive muito tempo de escutar tudo que foi lançado, mas o “Phantom Antichrist” do Kreator é uma paulada nos tímpanos!

HELL DIVINE: Vocês fizeram essa turnê pela Argentina. Costumam tocar bastante na região sul do Brasil, onde moram. Além disso, quais as chances de tocarem no restante do Brasil? Algum plano para Europa?

RICARDO: Na Europa Temos sim, mas ainda não encontramos as pessoas certas para trabalhar essa tour. Na época do “Unnatural” tivemos uma experiência com uma agência de Booking que falhou, mas não vamos desistir, uma hora vai rolar. No Brasil estamos negociando alguns shows, queríamos muito voltar ao norte e nordeste, mas o circuito não está como da última vez que fomos. Ir para um ou dois shows, os custos ficam altos demais.

HELL DIVINE: É um prazer contar com o Distraught em nossa revista. Desejamos sorte e sucesso pra vocês. Deixem um recado para os fãs.

RICARDO: Agradeço a você e a Hell Divine pela entrevista e pelo apoio. Aos fãs que nos acompanham nessa batalha, e aos que ainda não conhecem o som, visitem nosso site www.distraught.com.br e www.facebook.com/distraughtband e nos vemos nos shows batendo cabeça!

Por Pedro Humangous.



SETEMBRO NEGRO FESTIVAL

SABADO 08 DE SETEMBRO 2012 | ABERTURA DAS PORTAS AS 18HS

ORGULHOSAMENTE APRESENTA:



Borgoroth

KEEP OF KALESSIN



Local: Carioca Clube (Rua Cardeal Arcoverde, 2899 - SP / SP)

Ingressos: R\$ 50 (estudante), R\$ 70 (promocional) e R\$ 100 (inteiro)

Pontos de Venda: Galeria do Rock (loja Hellion e lojas Paranoid) ou bilheteria do Carioca Clube.

Por *Lauro Nightrealm*
templeofarts.ds@gmail.com

APÓDIO: **HELL DIVINE**
www.helldivine.com.br

PORTAL DO INFERNO
www.portaldoinferno.com.br

TUMBA
Produção

A Espanha, infelizmente, não revelou muitos nomes para o Metal mundial. Isso não quer dizer que não existam boas bandas por lá, ou que a cena seja fraca. A prova disso é a banda Noctem que, em pouco tempo, conquistou vários fãs ao redor do mundo com seu som extremo aliado a um visual diferenciado e bastante chamativo. A banda cedeu um pouco do seu tempo para conversar com a Hell Divine e explicar um pouco melhor para o público brasileiro do que o Metal espanhol é capaz!

INFERNO ESPANHOL

HELL DIVINE: Em 2008, após a saída de dois dos membros mais antigos da banda, como foi a reação dos fãs aos novos membros?

BELETH: Ótima! Dois anos antes não estávamos tocando com vida e o público começou a achar que o Noctem estava morto. Após a grande mudança no line up da banda, voltamos com mais poder, material novo e sangue novo em nossa formação. Começamos a trabalhar de maneira mais profissional e não paramos de fazer turnês na Espanha e Europa, somando novos fãs e um novo som à banda.

HELL DIVINE: Toda banda tem seus altos e baixos e, certamente, foi o mesmo com o Noctem. Em algum ponto vocês pensaram em acabar com a banda?

EXO: Bem, às vezes é bem difícil sobreviver em uma banda de metal extremo e, claro, estamos falando de uma banda que sobreviveu um longo período. Esse não é um estilo “popular”; a melhor maneira de crescer nessa cena é lentamente, ano após ano, em pequenos passos, porém, sem pausa. Só assim você não cairá no esquecimento em poucos meses. Os fãs de metal são devotos e honestos, então se você estiver indo bem e criar uma boa base de fãs, eles não o deixarão.

HELL DIVINE: Falando sobre o som e aspecto visual adotados pela banda, quais são as bandas ou músicos com essas características que influenciam a banda?

EXO: Cada um de nós possui diferentes influências e isso é ótimo quando se está criando canções, mas Beleth e eu cria-

mos um conceito forte sobre qual estética é a melhor para o Noctem, então o resto dos membros confiam em nossas decisões quando temos que pensar sobre qual será o próximo passo para a banda e nossa própria imagem. Crescemos sob a influência de artes bastante obscuras fora da música e nosso conceito de vida sempre foi muito negativo. Enxergamos a raça humana como uma praga que só causa danos ao próprio meio ambiente, aniquilando todo tipo de espécie ao nosso redor, inclusive nós mesmos.

HELL DIVINE: Atualmente, a maior parte das pessoas conhece a banda por meio da Internet. Algumas delas pararam de comprar os produtos, mesmo gostando bastante da banda. Qual sua opinião sobre o material disponível na Internet?

BELETH: Bem, não sei, pois quando gosto de uma banda eu compro seus produtos, camisetas e álbuns e nor-

BELETH: Conhecemos Christos em sua turnê com o Vader, em 2008. Meses depois, começamos a falar sobre nosso novo álbum e a possibilidade de uma colaboração de Christos Antoniou. Então, enviamos a ele uma música e trabalhamos juntos para fazermos a faixa “Orchestral Divinity”. Leal é nosso bom amigo e conversamos com ele a respeito da criação de uma Intro para o álbum. Ele ficou muito empolgado e começou a trabalhar bastante e muito rápido. Não temos planos para colaborações para um novo material no momento, mas é provável que consideremos isso para o próximo álbum.

HELL DIVINE: Atualmente, o repertório da banda consiste em dois full-lengths, um álbum ao vivo e duas demos. Analisando o trabalho feito até agora, qual o seu favorito?

BELETH: Acredito que “Oblivion”, com certeza, é o melhor álbum da banda. A melhor demo é “God Among Slaves” e não sei qual a melhor música, mas acho que o público gosta especialmente de “Religious Plagues”. Para nós é um autêntico hino da banda. Temos tocado essa música desde 2007. Normalmente, fechamos os shows com ela e com muito sangue, e o público adora.

HELL DIVINE: Não muito tempo atrás, vocês lançaram “Oblivion”, que recebeu um retorno brutal da mídia especializada internacional e dos headbangers. O que podemos esperar de “Noctem” para os próximos anos? O que pretendem fazer agora?

EXO: Neste momento, estamos seguindo nosso próprio caminho, apresentando nosso novo disco “Oblivion” em diferentes turnês e festivais. A banda passará esse verão compondo o novo álbum – nosso terceiro – e, claro, temos planos para o período “pós-verão”, mas não podemos revelar ainda. Apenas tenham certeza que “Noctem” continuará a seguir nossos caminhos e a criar o caos, espalhando nossas palavras pelo mundo.

HELL DIVINE: Com todo o reconhecimento que “Oblivion” tem recebido, o planejamento dos shows está cada vez mais apertado. Existe alguma previsão ou a possibilidade de pousarem no Brasil para apresentações?

EXO: Temos conversado com diferentes agências e produtores sobre a possibilidade de fazermos uma turnê na América do Sul e México, mas nada está claro no momento. Com a assinatura com a Metalblade Records, essa possibilidade está mais próxima com certeza. Somos europeus, então é bem difícil conseguirmos fazer algo assim; é uma decisão importante que temos que tomar quando o momento surge. Nossos fãs crescem a cada ano, então estamos nos aproximando desse momento.

HELL DIVINE: Agradecemos muito por essa entrevista e esperamos que mais pessoas gostem de sua música e, quem sabe, possamos vê-los em nossas terras em breve! Saudações!

BELETH: Agradecemos muito pelo seu tempo. Saudações e cervejas para todos os leitores, da imunda e corrupta Espanha.

EXO: Esperamos o mesmo! Horns up, Brazil!

Por Emily Bodom.

malmente vou aos shows. Acho que muitos metaleiros fazem isso para apoiarem suas bandas favoritas. Em minha opinião, a Internet é uma grande porta de oportunidades promocionais para bandas jovens e antigas. Consumimos material e muito mais. Redes sociais como Facebook, Twitter, Youtube ou Myspace – alguns anos atrás – prestam um grande serviço ao mercado musical, e a Internet é uma grande ajuda nesse assunto.

HELL DIVINE: Em 2009, a banda lançou “Divinity” com a colaboração de Christos Antoniou (Scepticflesh) e Leal (ex-Forever Slave) que teve uma ótima resposta dos fãs. Como foi essa parceria? Vocês pretendem fazer outros trabalhos juntos?

**O MAIS PURO
HEAVY METAL**

Pethallian

Sempre acompanhei a carreira do Pethallian, excelente banda de Tatuí/SP, que na época que lançou seu debut, "The Wine of the Night", deixou os fãs de Metal muitíssimo impressionados, assim como a imprensa. Porém, nem tudo deu certo, e agora Marcos Riva (vocal) e Fernando de Almeida (guitarra) brilham novamente no Pethallian, trazendo de volta a bela mistura entre Heavy Tradicional com pitadas de Gothic, numa sonoridade envolvente e empolgante. "The Absinthe of the Apocalypse" marca pelo excelente nível das composições, algumas bem grudentas, inclusive. Mas, para entender mais o conceito que envolve este álbum, conversamos com Marcos, que explicou tudo detalhadamente numa entrevista bem interessante. Abra sua garrafa de absinto (ou uma lata de coca-cola...) e leia o que ele tem a dizer!

HELL DIVINE: O Pethallian surgiu das cinzas do Pettalom, além de contar com músicos de outras bandas da região, como o Menacer e Baptised In Ice. Até o lançamento do debut vocês lançaram algumas demos, e aos poucos foram conquistando admiradores.

MARCOS RIVA: A Verdade é que o Pettalom tinha um belo futuro pela frente na época, gravou um CD que foi considerado um clássico daquele gênero, já estava se tornando bem conhecido, no México era cultuado e faltava apenas dar o passo seguinte, que era um segundo CD. O problema foi que o segundo CD virou o monstro de Frankenstein, que se voltou contra seus próprios criadores por ser muito complexo e difícil de lidar. As gravações não

terminavam, cada vez a mixagem ia se tornando mais difícil devido aos múltiplos elementos que haviam sido incorporados e isso gerou discussões, instabilidade interna e rupturas. Creio que o "Ancient Sacraments" foi um dos melhores álbuns de banda brasileira não lançados no Brasil (risos). As gravações ficaram num computador em estado de hibernação perpétua... Se tiver uma lição que aprendi com isso foi nunca tentar correr mais que as próprias pernas permitem e simplificar tudo na próxima banda, para voltar às raízes e nunca mais se perder nos labirintos da sofisticação sem ter estrutura para isso. Mas, "Pettalom is dead! Pethallian is alive!".

HELL DIVINE: Esta lembrança do Pettalom talvez nunca deixe de ser citada. Mas como foi esta transição?

MARCOS RIVA: A transição foi na base do meu inconformismo e força de vontade de recomeçar de novo. Conversei com o Fernando de Almeida sobre continuarmos fazendo Metal, e os outros integrantes, minha mulher e amigos foram se agregando aos poucos e naturalmente, até chegarmos ao CD “The Absinthe of the Apocalypse”, que pode ser ouvido no Myspace, no Reverbnation e nossos vídeos esperam a todos no Youtube! Eles foram todos feitos na raça e queremos que todo mundo assista e reconheça nosso esforço e força de vontade, o fato de ainda estarmos na cena brasileira, que é muito difícil hoje em dia, gastando tempo e dinheiro para fazer um som de qualidade e que acreditamos.

HELL DIVINE: “The Absinthe of the Apocalypse” possui composições que mesclam o Metal tradicional com momentos mais voltados ao Gothic Metal, mas de maneira bem sucinta. Esta simbiose entre os estilos é o grande diferencial da banda. Como funciona o processo de composição até chegar ao resultado final?

MARCOS RIVA: O Pethallian, ao contrário do Pettalom, é 95% Heavy Metal e uns 5% ainda tem alguns elementos de Gothic. Na verdade pelo fato de eu ter a voz grave e ter um vocal feminino (que estamos trabalhando agora para também ficar mais agressivo) e alguns resquícios de teclados que foram colocados nas faixas em alguns muito poucos momentos, só pra um dar um clima. A única faixa que é exceção é a “L’heure Verte”, por ser uma introdução conceitual e “cinematográfica”. Todo o resto é puro Heavy Metal fincado nos anos 80 e inspirado por bandas como Iron Maiden, Judas Priest, Black Sabbath e até algumas mais pesadas.

HELL DIVINE: Inclusive, anos atrás, principalmente na época do Pettalom, havia uma leva muito grande de bandas Gothic/Doom com vocais femininos em contraponto com vocais masculinos. De lá pra cá, ficaram apenas as bandas mais fortes, e o Pethallian ainda utiliza esta fórmula, porém muitíssimo bem encaixada. Na hora de compor, até mesmo em relação às letras, torna-se um processo difícil em criar as linhas vocais?

MARCOS RIVA: Pra mim, o Pethallian é a primeira banda de Heavy Metal tradicional brasileira a se desencaixar do padrão do Gothic Metal no quesito de ter dois vocais. Isso não deixa de ser algo pioneiro. Nos nossos próximos trabalhos vamos eliminar qualquer resquício de Gothic que tenha sobrado do Pettalom. São duas bandas bem diferentes neste aspecto. Quanto às letras, estão mais agressivas e diretas, mais fáceis de fazer, ainda que inspiradas em alguns temas clássicos (absinto e final do século XIX, Aleister Crowley, necrofilia literária, caça às bruxas, magia e temas afins desfilam em músicas como “L’heure Verte/Green Bride”, “Caroline”, “The Lust Witch” e “Theban Alphabet”)., mas creio que não são mais letras poéticas e rebuscadas como antes. Diminuíram-se metáforas e agora as letras são mais pesadas, agressivas e ousadas quanto aos temas, como a polêmica “Caroline”, onde sexo e morte se entrelaçam de

forma explícita. Mas tenham respeito com os mortos e não pratiquem o que há nesse vídeo! É só uma viagem cinematográfica inspirada por alguns poemas de Álvares de Azevedo que evocavam esta temática mórbida. É só arte, não somos a favor disto, antes que comecem as polêmicas. As linhas vocais são mais fáceis de compor agora, pois na banda antiga eram mais calculadas e nem sempre eu podia criar linhas ou cantá-las como eu queria.

HELL DIVINE: A parte lírica do álbum aborda temas voltados a fenômenos culturais, místicos e claro, alcoólicos. Você poderia nos explicar o conceito que envolve o álbum e o porquê de utilizar um tema volta ao “absinto”? Seria este líquido o grande inspirador da banda?

MARCOS RIVA: Neste CD, a ideia e estrutura inicial da música “L’heure Verte” surgiu num violão num dia seguinte a eu ter bebido bastante “Absintho Hapsburg”, que eu acho uma delícia e te deixa num estado inspirador, na companhia da minha mulher e vocalista da banda, Ellá Méll. Foi uma ressaca musical absolutamente tranquila. Ela me ajudou a criar a melodia dos vocais e o Gustavo Campos (guitarrista e produtor) achou os timbres “antigos” que eu queria e floreu tudo com esta nostalgia de uma época que se foi e que nunca mais voltará, com sua efervescência cultural e artística de virada de século. A Europa é o continente que mais aprecio no mundo, e as coisas de que mais gosto e sempre gostei vem de lá: o Heavy Metal, a literatura e o cinema de horror, a ancestralidade, os castelos, as assombrações, a neblina de Londres, o ocultismo, o mistério... Eu sou um grande apreciador destas coisas e o absinto faz parte desta história clássica do fim do século XIX. Ironicamente, estou dando um tempo no álcool no momento, cheguei a começar a adoecer devido à frequência com que estava bebendo e parei na hora certa. Grandes prazeres também trazem grandes riscos, principalmente o absinto, cujo teor alcoólico é muito alto mesmo hoje em dia e pode causar sérios danos ao fígado com a frequência de ingestão. Coisa que a audição do CD não causa, podem perder o receio! (risos) Quanto aos outros integrantes da banda, a preferência é cerveja e Coca-Cola, o Gustavo é viciado em Coca-Cola! O alcoólatra da banda era só eu mesmo. O Ricardo parou de fumar e agora aguenta tocar em três bandas no mesmo dia sem ser afetado pelo cansaço, o que aconteceu aqui em Tatuí no Dia Internacional do Rock e que vocês podem ver no Youtube também. Ah! Não vou livrar a cara do Humberto Masçau. Ele é viciado em doces e guloseimas! (mais risos)

HELL DIVINE: O ouvinte mais atento verá que pelo menos três faixas se destacam das demais: “Merciful Rain”, “Caroline” e “Rasputin”, todas com grande teor de melodias inspiradas, riffs soberbos e uma atuação vocálica acima da média. Concorda?

MARCOS RIVA: Quanto ao vocal sou suspeito, nunca estou contente comigo e sempre acho que preciso melhorar... Na verdade eu queria ter um vocal bem mais agudo para o tipo de som que estamos desenvolvendo, não aguento mais ser visto como um vocal de Gothic... Minha raiz musical básica sempre foi o Heavy Metal, meus discos preferidos de todos os tempos são alguns do Iron Maiden, do Judas Priest,

Black Sabbath e Accept! Então por que devo me forçar a ficar limitado ao fantasma do Peter Steele e ao que eu fazia no Pettalom? Cansei! O vocal da Ellà está em franco desenvolvimento e ganhando agressividade também, aguardem nossas novas músicas! O instrumental está ótimo, muito pesado, criativo e sem exageros desnecessários. Queremos tudo mais direto. Agressivo e certo como está agora, simples, mas com arranjos bonitos, refrãos marcantes e aquele deja-vu de Metal Britânico oitentista, recheado de belos solos, duetos e oitavadas.

HELL DIVINE: Quais as suas músicas preferidas?

MARCOS RIVA: As minhas preferidas são “Caroline”, “The Lust Witch” e “Rasputin” por enquanto, que, eu repito, intimo todos os leitores a ouvirem e conferirem em nosso Myspace ou no Reverbnation ou no Youtube. Ouçam! Eu vos hipnotizo agora e vos convoco! Uma banda precisa ser ouvida e apreciada como um absinto, ainda mais quando lança um trabalho que, creio eu, está honrando nossas raízes e os gigantes do Metal que nos inspiraram. O que nos faz nos movermos e ainda estarmos aqui é o prazer de ver o trabalho sendo apreciado por pessoas como você, que está lendo esta página agora!

HELL DIVINE: Como você mesmo já falou, existem novas composições. Quando pretendem gravar material novo e quais os próximos passos da banda? Como tem sido a receptividade do material?

MARCOS RIVA: Já temos quatro novas composições estruturadas instrumentalmente, faltando apenas encaixarmos vocais e letras, que também já estão praticamente prontos. Temos conceito para um álbum grande inteiro, mas creio que lançaremos um EP antes com estas músicas e duas versões diferentes para duas faixas do “The Absinthe...”. Preparem-se, pois “Jack o Estripador” estará de volta da nevoenta Londres de 1888 em faixas que se amarram conceitualmente e que será a semente do terceiro álbum. Não posso afirmar quando isto ficará pronto, pois primeiro temos que ter dinheiro para lançar e gravar o álbum e o Gustavo (guitarrista e produtor) tem que estar com sua agenda pessoal de advogado com brechas e também com as bandas que ele grava no estúdio dele, o que faz as agendas

sempre ficarem apertadas, afinal, todos precisamos trabalhar, já que a cena nacional é uma merda neste aspecto, você só gasta dinheiro e ainda não ganha de volta quase nada. Fazer Metal bem feito no Brasil é como ser aquele louco que rasga notas de dinheiro vários dias por ano, mas tem sua recompensa quando sua banda tem uma boa resenha publicada numa revista especializada, uma entrevista bacana como esta em uma revista digital pioneira e guerreira como a Hell Divine. O que mais nos motiva, quando alguém entra em contato conosco se dizendo feliz por ter adquirido nosso CD e que gostou muito.

HELL DIVINE: Infelizmente o espaço é curto... Alguma mensagem para os leitores da revista?

MARCOS RIVA: Deixo aqui um recado importante: precisamos de um empresário competente, com experiência e que esteja disposto a ajudar a virar esse jogo! Gravadoras grandes: arrisquem! Sabendo trabalhar o que há de bom no Metal nacional, novas estratégias podem ser criadas! Ofereçam-nos uma proposta decente! Vamos botar isso pra frente! O Metal brasileiro merece! Nosso CD e o de outras bandas podem virar clássicos no futuro se devidamente divulgados e distribuídos, vocês podem estar perdendo oportunidade de grandes futuros negócios! E um recado aos leitores: se vocês não ouvirem nosso CD, não assistirem a nossos vídeos, não nos ajudarem a divulgar nosso material e não irem aos nossos shows chegará uma hora em que iremos a nocaute financeiro. Precisamos de sua força! O Metal é feito de fãs para fãs! Não deixe a cena brasileira morrer, ela anda muito moribunda e desvitalizada e pode morrer como a “Caroline” da nossa música... E depois não adianta tentar transar e gozar com cadáveres! Pensem nisso! Confio na força de vocês. Pra terminar, meus pessoais agradecimentos a todos que nos tem dado apoio, em especial a você Maicon Leite que tanto nos incentiva e divulga (desde a nossa antiga banda), e também à banda guerreira Dragon Ring e o selo Die Fight, sem os quais não teríamos chegado até aqui. Nossa continuidade depende do apoio do público! Muito obrigado pela oportunidade desta entrevista!

Por Maicon Leite.





Não é novidade para ninguém que o underground brasileiro é um verdadeiro campo de guerra. Conseguir atravessar o campo minado e chegar vitorioso ao fim é uma luta incessante. Os brasileiros do Itself foram buscar reconhecimento pelo seu trabalho no velho continente. Hoje, morando na Espanha, Ricardo Falcon nos conta um pouco sobre a trajetória da banda até o momento e o que o futuro lhes reserva.

HELL DIVINE: Caras, como vocês definem o som da Itself e quais as influências da banda?

RICARDO FALCON: Primeiramente, gostaríamos de agradecer o espaço concedido na Hell Divine e também saudar a todos os leitores. Dividimos entre o instrumental do Death Metal e o vocal do Thrash Metal, embora muitas partes sejam trocadas aí. Acho que chamar de metal agressivo, extremo, bruto, ou o que for, se encaixaria melhor (risos). Eu, Ricardo Falcon (guitarrista e baixista), tenho influências do Death Metal em geral, puxando mais para o Technical e também algo de Thrash Metal e Jazz. Estevan Furlan já é um pouco

mais aberto. Professor de bateria há alguns anos, tem muitas influências de ritmos brasileiros, Death, Thrash, Hardcore, Jazz, Fusion e por aí vai.

HELL DIVINE: Recentemente, vocês fizeram a 2ª turnê pela Europa. Como foi?

RICARDO FALCON: Foi uma turnê que vale por muitas. Foram 60 dias, 40 shows, passando por mais de 20 países. Pode-se imaginar de tudo. Risadas, bons momentos, ótimos shows, novos amigos, lindas paisagens; como também se pode imaginar o pior: desentendimentos, shows cancelados,

cansaço, promoters amadores, entre outros. Porém, fazendo-se uma média, foi incrível! Não vejo a hora de fazer tudo isso de novo. Pouco a pouco, estamos atualizando nossas aventuras pelo velho continente em um blog dedicado apenas a isso: <http://itselfdeath.wordpress.com/>

HELL DIVINE: Em 2009, vocês gravaram o full-length "Make My Suffer Short". Como foi a reação do público e mídia em relação a esse disco?

RICARDO FALCON: Nos surpreendeu. Obviamente, esperaríamos uma ótima aceitação pela alta qualidade de produção, porém, não imaginávamos críticas com notas acima de oito e até mesmo dez em sites renomados da Europa. Mais de 50 shows na Europa em um período de um ano e meio... Então, acredito que estamos no caminho certo, mas com muitos detalhes para acertar e muita batalha pela frente ainda.

HELL DIVINE: Quais são os temas usados nas músicas?

RICARDO FALCON: Deixamos de fora esse papo de sexo, drogas e rock n'roll. Nesse primeiro disco, abordamos muito doenças psiquiátricas e a mentalidade do ser humano que é bem complicada por si só. O que se passa na cabeça de um serial killer? Ou de um psicopata? De uma pessoa em estado terminal num hospital?

HELL DIVINE: "Make My Suffer Short" foi mixado e masterizado no famoso estúdio polonês Hertz, dos irmãos Wierslawski (Vader, Behemoth, Decapitated, Hate etc). O quanto importante isso foi para o resultado final do CD?

RICARDO FALCON: Buscamos essa sonoridade polonesa desde o princípio da gravação, tomando cuidado com os timbres de bateria, guitarra e baixo. Então, foi como um trem e esse foi o último vagão necessário para completar todo o processo. Ademais, os irmãos são muito competentes e sabem o que fazem.

HELL DIVINE: Nilton Wood (Professor no Instituto de Baixo e Tecnologia e editor da revista Bass Cover Magazine) fez participação nas músicas "I Cant Stop" e "Twisted Into A Malignant Tumor". Como surgiu essa ideia?

RICARDO FALCON: Fiz aulas de baixo com ele por alguns meses para poder gravar o disco. Foi muito legal, porque fomos criando uma amizade e um interesse grande por parte dele em ajudar em algo distinto. Death Metal com solos de baixo? Por que não? Para ele também foi algo novo por nunca ter estado em um estúdio antes. Sim, Nilton Wood não tem registros de gravação em CD. Uma pena, pois é um ótimo músico!

HELL DIVINE: Gostaríamos de saber, individualmente de vocês, quais músicos os influenciam?

RICARDO FALCON: Hoje em dia, é complicado falar em influências. Escutamos muitas coisas antigas e novas ao mesmo tempo, porém, parece que nossa autenticidade musical já está gravada. Isso é muito primordial quando começamos a tocar, quando eu era fanático por Metallica (hoje não acompanho mais a banda nem escuto nada deles) ou quando comecei a escutar todos os CD's do Death e viquei nos riffs de Chuck Schuldiner. Ou seja, não tenho esse ou aquele músico que me influencie. Ultimamente, escuto muitas bandas do cenário extremo polaco e algumas outras de Technical Death Metal. Minha preferida tem sido Psycroptic, da Austrália.

ESTEVAN FURLAN: Dentro do Rock/Metal sou bem eclético, tudo que tem boa qualidade e uma boa musicalidade eu gosto. Tento não me limitar quanto a isso. Ser "true" demais atrapalha às vezes. Pantera, Sepultura, Metallica, Cannibal Corpse, Slipknot, Vader Decapitated, Slayer, Hatebreed, Cradle of Filth e por aí vai. Tenho escutado muito o último álbum da banda Septic Flesh que está fantástico. Já estudei outros estilos, mas nunca me aprofundei; porém, gosto muito de Jazz e Blues, esses caras tem muito feeling e sempre têm umas ideias muito loucas e inspiradoras para compor.

HELL DIVINE: Pelo fato de serem apenas vocês dois na banda, é melhor ou pior para compor as músicas? E como são as apresentações ao vivo?

RICARDO FALCON: No começo, foi complicado, pois tínhamos que aprender novos instrumentos e técnicas. Porém, hoje vejo que as coisas fluem muito mais rápidas. Até estudamos engenharia de áudio para aperfeiçoarmos a nossa qualidade tanto no estúdio quanto ao vivo. Nas apresentações ao vivo temos um músico de apoio, um baixista. Nessa última turnê, por exemplo, foi um espanhol que nos acompanhou.

HELL DIVINE: O que vocês estão escutando ultimamente? Algum lançamento em 2012 que tenha chamado a atenção?

RICARDO FALCON: Lançamentos de 2012? Como meu início de 2012 foi bem movimentado, ainda não tive muito tempo de escutar novos lançamentos, então estou misturando muita coisa com 2011 ainda. Até o momento, gostei bastante de Benighted, Aborted, Psycroptic entre outros.

HELL DIVINE: O que podem adiantar sobre o novo CD?

RICARDO FALCON: Queríamos deixar tudo no suspense, mas podemos adiantar que será gravado em maio do ano que vem, totalmente no estúdio Hertz, e que será uma bomba. Muito mais técnico e agressivo. Aguardem!

Entrevista por Gustavo Telatin.



AMNESIA
"Inside My Head"
 Independente

A cena no Rio de Janeiro andava meio estagnada há alguns anos. Recentemente, o estado parece ter retomado suas forças e vem apresentando ótimas bandas para o cenário nacional. Um EP em formato de DVD? Estranho, mas é o material mais recente dos cariocas da banda Amnesia. O motivo desse formato é que, juntamente com as três músicas presentes nesse EP, existe um videoclipe da faixa "Subversive Side" incluído como bônus. Já que estamos falando desse vídeo, vale ressaltar e exaltar a qualidade de imagem, som e edição. Ficou muito bacana o resultado final. A gravação ficou boa e cristalina, deixando cada instrumento brilhar por si próprio. Achei somente que o timbre das guitarras ficou um pouco sujo demais em certos momentos. O vocal é interessante, lembrando o estilo do Amon Amarth de cantar, feito um guerreiro em fúria. Os caras resolveram investir em um Thrash Metal moderno, com bastante coisa do Death Metal, tudo bem amarrado com um laço de melodia – principalmente na construção dos riffs. As três faixas são muito boas, mas o destaque, realmente, não poderia ser outro a não ser "Subversive Side" – com sua pegada à la Machine Head e Kreator. Se investirem em uma produção de primeira e uma arte caprichada, as chances de obterem sucesso no primeiro full length serão enormes!!

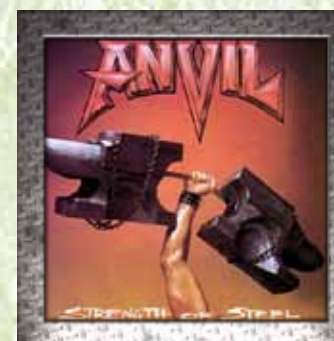
Nota: **8.0**
 Pedro Humangous



ANDRALLS
"Breakneck"
 Distro Rock Records

O underground é um verdadeiro quebra cabeças, onde as peças separadamente, muitas vezes, não fazem muito sentido, mas quando unidas formam uma cena. Algumas ótimas bandas, estranhamente, não recebem a atenção merecida. O Andralls sempre lançou grandes discos ao longo de sua carreira e parece que, finalmente, ganha seu destaque com esse novo álbum chamado "Breakneck". Começando pela fantástica arte da capa criada por Remy C. da famosa Headsplit Design, o trabalho já promete muito, pois conta com produção de Fabiano Penna (Ex-The Ordher). O power trio parece que estava com muito ódio acumulado quando resolveu compor este material. Um Thrash Metal furioso, veloz e agressivo, destilado sem dó e jogado na sua cara. Os caras seguem a linha mais tradicional do estilo, fugindo daquela onda de reviver os anos oitenta. O disco conta com doze faixas que passam voando feito um avião desgovernado e com alvo certo. Todas as músicas são empolgantes e devem agitar bastante o público nos shows. Destaque para "Eye For An Eye" – com um riff maldito que não desgruda do cérebro – e "Enemy Within" – com suas paradinhas mortais. E o que dizer da faixa "Polícia Asesina" cantada em espanhol e com a participação de Tono e Raul da banda Rato Raro? O resultado ficou animal! Que me perdoem o trocadilho, mas esse álbum é para quebrar o pescoço mesmo! Entre os nacionais, um dos melhores do ano até o momento!

Nota: **8.5**
 Pedro Humangous



ANVIL
"Strength of Steel"
 Die Hard Records/Voice Music/Rock Brigade/Rock Machine

Em mais um excelente relançamento, chega ao mercado nacional "Strength of Steel", do Anvil. O disco, lançado originalmente em 1987 – época em que ainda era um quarteto formado pelos líderes Lips (guitarra/voz) e Robert Reiner (bateria), além de Ian Dickson (baixo) e Dave Allison (guitarra/voz) – já mostrava uma banda muito competente e cheia amor pela música pesada, calcando sua sonoridade no Heavy Metal tradicional, repleto de riffs marcantes, solos memoráveis, e grandes refrãos para se cantar junto logo após a primeira audição do material, embora apresente algumas mudanças em relação aos primeiros discos do conjunto. O disco nos traz algumas músicas excelentes, como a arastada faixa título, a pesada "9-2-5", que conta com alguns elementos de Thrash Metal; e "I Dreamed It Was the End of the World", com vários elementos de Thrash oitentista. No geral, não apresenta faixas muito rápidas como em seus lançamentos anteriores, o que acabou desapontando alguns fãs na época, mas a verdade é que, mesmo diferente e trilhando por caminhos um pouco mais progressivos e menos diretos, a banda lançou um material bem interessante e diversificado. E esse relançamento conta ainda com duas faixas bônus inéditas, "Rockin'" e "Streight Between the Eyes". Enfim, embora não se compare aos clássicos "Metal on Metal" e "Forged in Fire", "Strength of Steel" é um grande disco, que faz jus à carreira destes canadenses que hoje se encontra em grande ascensão, mas que mostra também grandes momentos em seu passado. Aproveitem o lançamento nacional, pois vale a aquisição!

Nota: **8.0**
 Junior Frasca



ASHES
"Ecila"
 Independente

É, parece que a cena portuguesa anda crescendo bastante nos últimos anos. A cada dia que passa, tomamos conhecimento de mais uma boa banda surgindo de lá. Infelizmente, não sei dizer muito bem como é o cenário da música pesada por lá, mas é certo que querem atingir o mercado brasileiro também; afinal, somos um verdadeiro celeiro de bandas respeitadas nacional e internacionalmente. A banda Ashes foi formada, em 2008, e ao longo dos anos foi moldando seu som até chegar ao álbum "Ecila", que mostra uma banda madura, repleta de influências em seu som – daqueles impossíveis de se rotular. As letras são baseadas no conto de Alice No País Das Maravilhas e as músicas são bastante densas, de difícil assimilação nas primeiras ouvidas. Requer tempo e atenção para captar todo o teor apresentado nas seis faixas. Tem de tudo um pouco e a viagem musical pode se tornar muito prazerosa se o ouvinte tiver a mente aberta. É possível imaginar uma peça de teatro sendo encenada enquanto ouvimos o disco. Tudo bastante pomposo, convidativo e hipnótico. Criatividade transborda e encontramos influências de Rock, Prog, Gothic e até Death Metal. Os vocais variam muito e deixam um pouco a desejar quando estão mais limpos e falados. Porém, acerta em cheio quando abusa do rasgado e gutural. Destaque para a utilização do violino, quase sempre presente. "Ecila" vai agradar em cheio aos fãs de Opeth e Pain Of Salvation. Um trabalho ousado, diferente do comum e que, certamente, deve ser conferido por quem busca por trabalhos que fogem do comum.

Nota: **7.5**
 Pedro Humangous

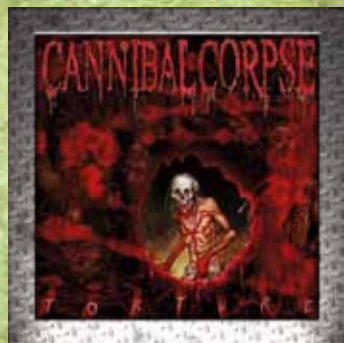


BIOFACE
"Bioface"
 Independente

Já devo ter falado isso antes, mas vale repetir: o underground não para de nos surpreender! Não é fácil se manter ligado em tudo o que é lançado no mercado, mas, com certeza, as melhores bandas irão se sobressair. Não vai demorar muito para você ouvir falar da Bioface. Natural de São Paulo, o grupo foi formado, em 2003, e após algumas demos, acabam de soltar o primeiro álbum oficial que leva o mesmo nome da banda. A arte da capa não ajuda muito quando tentamos decifrar o tipo de som que pratica e, sinceramente, chama pouca atenção. Mas quando se coloca o disco para rodar, o sorriso no rosto logo aparece. Uma porrada cantada em português com temas bastante fortes, políticos e sociais. O som é uma mistura de Thrash Metal moderno com Hardcore e algo de Metalcore também. Me fez lembrar os primeiros registros da banda americana Chimaira. O álbum, além de ter sido mixado e masterizado pelos mestres Marcello Pompeu e Heros Trench, conta ainda com diversas participações especiais. Marcelo D'Castro (Necromancia), Sammliz Samm (Madame Saatan), André Alves (Nitrominds) e Gepeto (Ação Direta) dão as caras e deixam as faixas ainda com mais brilho. O disco flui muito bem e os 45 minutos de música, divididos em 14 faixas, passam voando. Músicas

rápidas, violentas e cheias de groove conquistam o ouvinte logo de cara e fazem com que o Bioface seja forte candidato ao topo em breve. Faça um favor a si mesmo, ouça!

Nota: **8.5**
Pedro Humangous



CANNIBAL CORPSE
“Torture”
Die Hard Records/Voice Music/Rock Brigade/Rock Machine

Algumas bandas, realmente, nunca mudam. E para a alegria geral de seus fãs, os mestres do Death Metal americano do Cannibal Corpse, prestes a completar 25 anos de estrada, colocam no mercado seu 12º álbum de estúdio que, desde já, pode ser considerado um de seus melhores discos da fase com George “Corpsegrinder” Fisher nos vocais, iniciada em 1995. Produzido por Erik Rutan, “Torture” é uma verdadeira aula de Death Metal, com músicas rápidas e muito pesadas, transbordando agressividade em cada nota. Além disso, o som da banda continua técnico e extremo como sempre, em especial nas linhas de baixo do genial Alex Webster. O disco abre com a excelente “Demented Agression”, forte candidata a

se tornar um clássico da banda, com uma levada insana, e com George urrando de forma intensa. Além desta, faixas como “Scorge of Iron” (mais cadenciada, e que conta com riffs e solos muito legais), “Encased in Concrete” (rápida, complexa ultra-agressiva), “Followed Home Then Killed” (uma das mais variadas do disco e com um clima bem sinistro) e “Caged... Contorted” mostram o porquê da fama da banda. As letras das canções continuam doentias e perturbadoras como sempre, assim como a arte gráfica do trabalho, criada por Vincent Locke que, há muito tempo, já trabalha com a banda. Portanto, com “Torture” o Cannibal Corpse mostra, mais uma vez, toda sua força. E, ao contrário de algumas outras bandas, passa longe de modismos, e coloca no mercado um forte candidato a melhor disco de Death Metal de 2012. Não deixe de adquirir o seu.

Nota: **9.0**
Junior Frasca



CHAOS INCEPTION
“The Abrogation”
Lavadome Records

Respire fundo, porque vai precisar de muita força para ficar vivo após a audição desse que já pode ser tranquilamente colocado entre os mais brutais de 2012. Sabe aqueles grupos que soltam obras-primas no underground? É o caso do Chaos Inception: Death Metal absurdamente violento e muito bem executado é o que traz a banda americana, em seu segundo full-length. Os timbres de guitarra lembram bastante os do Morbid Angel, mas o conjunto consegue ser mais veloz e até mais técnico. E falando nas seis cordas, a “rifferrama” despejada pela banda é outra coisa impressionante. Já os solos aparecem de forma inesperada, com um poder de acrescentar mais agressividade às composições. Parabéns a Matt Barnes – toda a barulheira é feita por somente um guitarrista! Aliás, palmas também para o incrível baterista Gary White, que devasta os ouvidos com seus blast beats e bumbos demolidores! O cara é uma máquina de esmurrar! E o quarteto mantém a pegada do início ao fim do disco, impossibilitando a escolha de uma ou mais faixas como destaque (são nove no total). Sem brincadeira, isso é um trem sem freio, avassalador! A produção excelente também ajudou a dar mais punch ao material. Bom, se seu negócio é Hate Eternal, Nile e outras pedradas do estilo, esse disco aqui, certamente, é a sua praia! Extremo levado ao extremo!

Nota: **9.0**
Christiano K.O.D.A.



DEVON
“Unreal”
Voice Music

Todos vivemos em uma rotina, em que as coisas seguem seu curso comum. Uma surpresa de vez em quando é sempre bem vinda. Nunca tinha ouvido falar da banda Devon até me deparar com o álbum “Unreal”, disco de estreia do grupo. O primeiro passo é colocar o CD para rodar, livre de qualquer influência externa e sem qualquer pré-conceito que possa existir. Depois vem uma parte importante, a pesquisa. A arte da capa logo chama a atenção (créditos para o experiente e cada vez mais atuante Carlos Fides) e cria boas expectativas pelos primeiros acordes. O disco foi produzido, mixado e masterizado por Thiago Bianchi (Shaman), que fez um bom trabalho nas três funções assumidas. Achei a sonoridade um pouco seca, com as guitarras um pouco altas, mas no geral agrada com facilidade. E o que temos, então, em termos de sonoridade da banda? Metal Melódico na sua mais pura essência. Não espere por grandes inovações ou aquela mistura de estilos. O som é bastante tradicional, vocais agudos, camadas de teclados e riffs velozes. O que para quem curte, convenhamos, é uma maravilha. Apesar da esfriada que o estilo sofreu nos últimos anos, o público dessa vertente continua fiel e sedento por bandas novas apresentando ótimos trabalhos como este. O Devon executa muito bem suas canções por meio de onze faixas, trazendo, quase que automaticamente, na memória os trabalhos de bandas como Burning In Hell, Scelerata, Holy Sagga, Glory Opera, Wizards e tantas outras importantes bandas do cenário nacional. Mais um belo representante emerge do underground e promete trilhar seu próprio caminho em meio a tantas dificuldades já conhecidas por todos nós. Se essa é sua praia, mergulhe fundo, pois a satisfação é garantida.

Nota: **7.5**
Pedro Humangous



DISTRAUGHT
“The Human Negligence Is Repugnant”
Voice Music

Completando 22 anos de estrada, os gaúchos do Distraught lançaram seu quinto álbum de estúdio intitulado “The Human Negligence Is Repugnant”. Já disse muitas vezes aqui que o meu gosto por Thrash é mínimo e que precisa ser uma banda muito boa para me agradar (ou seja, “Big Four” longe de mim). Mas algumas vezes encontro álbuns de Thrash que me fazem pirar e “The Human Negligence Is Repugnant” é um deles. Posso dizer que esse novo trabalho é mais um ponto positivo do metal nacional, feito com dedicação, criatividade e, principalmente, amor à música. O álbum libera em forma de melodias uma agressividade com um toque pessoal, com riffs fantásticos, vocal gutural na medida certa e uma bateria genial; unindo-se em um instrumental de certa forma inovador, que foge daquela pancadaria “padrão”. O álbum chega a quase uma hora de duração total, sem se tornar maçante ou desagradável em nenhuma das ótimas onze faixas, fora a excelente arte de capa, que expressa perfeitamente o conceito do álbum. Distraught é mais uma ótima evidência que de uma banda não precisa lotar o Pacaembu para mostrar sua força, e eu só posso ter pena desse pessoal que não se interessa em ouvir nada além de Metallica e Slayer. Parabéns à banda pelo excelente resultado de seus esforços. Ótima trilha sonora para descarregar a tensão.

Nota: **9.0**
Yuri Azaghal



ENTHRONED
“Obsidium”
Agonia Records

E eles retornam dois anos depois do excelente álbum “Pentagramaton”. Enthroned volta a abalar as estruturas do estilo com o lançamento de seu novo álbum “Obsidium”, lançado em março deste ano. Aqueles que deduzem que “Obsidium” fora composto na mesma minha linha de “Pentagramaton” como uma extensão deste estão enganados. “Obsidium” também é uma volta às origens da banda, mas sim mais um degrau “cru” na ascensão de seu repertório. A sonoridade continua genial, obscura e impactante, porém de uma forma mais bruta, lançada em sua mente como uma pancada ao invés de fazer uso daquela atmosfera mais sinfônica e lenta que sugere suspense. Esse álbum será um grande trunfo para aqueles que sentiam falta de um Black Metal direto, mórbido, mais próximo da sonoridade tradicional do gênero – porém, sem perder o seu toque pessoal. A composição das letras está ótima, mantendo sua crucial aura profana e oculta, o que é algo comum se analisarmos seus “hinos” durante toda sua carreira. Talvez essa variação de sonoridade drástica não agrade a alguns fãs, mas esse é o propósito da banda: mostrar variação e não se prender a uma rotina durante toda a carreira. “Obsidium” não é apenas um álbum, mas uma evidência de que Enthroned é uma banda que entende do assunto, que sabe captar a verdadeira essência do Black Metal e incorporá-la em suas músicas, seja com uma sonoridade sinfônica e atmosférica, ou com uma sonoridade crua e direta.

Nota: **9.0**
Yuri Azaghal



EVIL LUCIFERA
“Atrium Infernalis”
Domestic Genocide Records

“Atrium Infernalis” é o debut da vocalista italiana Evil Lucifera, lançado esse ano. Para quem estava esperando uma cópia fajuta de Cadaveria se equivocou. Evil Lucifera é muito mais ousada, fazendo um legítimo Black Metal sinfônico sem misturas e sem “ficar na defensiva”. Isso se nota logo na primeira faixa do álbum, “Prelude To Agony”. Embora em alguns momentos do álbum a atmosfera possa aparentar uma mudança para um gothic softcore, os segundos seguintes nos mostram que a música está longe de ser “soft” em qualquer sentido. A força de seu gutural é incrível, e a mistura de brutalidade com sinfonias foi dosada na medida exata, criando uma atmosfera deprimente, mórbida e agressiva. As músicas incorporaram o

gótico, sabendo aproveitar seus elementos sem se tornar maçante ou cansativo – justamente devido à metade crua e tradicional do Black Metal que se fundiu em grande equilíbrio e perfeição. A arte da capa está muito profissional, e embora não seja um álbum muito comprido (infelizmente), cada segundo dele vale a pena. Os arranjos e elementos foram organizados de uma forma bastante inovadora, porém mantendo o bom senso de se manter em um instrumental tradicional do estilo sem aquela síndrome avant-garde de apelar para misturebas ou “inovações” que acabam deixando a música ridícula ou sem sentido. Parabéns para a vocalista pela estreia exemplar, acrescentando uma ótima banda à cena italiana.

Nota: **9.0**
Yuri Azaghal



GIRLIE HELL
“Get Hard!”
Monstro Discos

Na Hell Divine nem tudo é feito sempre de Metal, existe espaço para outros tipos de som e o lugar para boas bandas está sempre reservado aqui. Girlie Hell surpreende a todos com um Rock/Punk muito bem feito e extremamente empolgante. Colocar o álbum “Get Hard!” para tocar é pedir uma boa dose de tequila e uma mesa de sinuca. O disco cheira a álcool e a um bom pub repleto de amigos, regado ao bom e velho Rock. O grupo é formado apenas por mulheres, que mostram que não ficam devendo em nada para os homens – se é que ainda existe esse tipo de comparação besta hoje em dia. Os riffs são certos e as composições marcantes, viciam com rapidez incrível. Apesar de ser apenas o segundo registro oficial, as meninas já mostram bastante maturidade e entrosamento. A qualidade de gravação ajudou e

muito no resultado final alcançado. Ao todo são onze faixas, repletas de atitude e influências latentes de AC/DC, Kiss, Crucified Barbara, Girlschool, entre outras. Ao headbanger machão e cabeça dura, sugiro uma bela ouvida – a começar por “Fire” e “Struggle” – e duvido não se impressionar. “Get Hard!” me fez lembrar séries como Josie And The Pussycats, ou seja, diversão pura! Não recomendo ouvir esse disco no carro. É multa por velocidade na certa.

Nota: **8.5**
Pedro Humangous



IHSAHN
“Eremita”
Candlelight Records

É, o velho mestre do Black Metal não é mais o mesmo, o que não significa que sua música tenha deixado de ser boa. Bem distante do que fazia em seus tempos de Emperor (exceto pela sonoridade da guitarra e seus urros, que ainda estão bem próximos daqueles tempos), Ihsahn torna a surpreender seus fãs, já que “Eremita” é um disco muito bom, mas bem difícil de ser digerido. Mais Progressive/Avantgarde, “Eremita” é um álbum mais polido, musicalmente mais variado que seus antecessores, com várias participações especiais (Devin Townsend nos vocais de “Introspection”, Tobias Ørnes Andersen nas baquetas, Jørgen Munkeby no Saxofone, Jeff Loomis na guitarra solo de “The Eagle and the Snake”, Einar Solberg nos vocais em Arrival, e a esposa do próprio, Heidi S. Tveitan em “Departure”). Tem

Ihsahn fazendo quase tudo, da produção aos instrumentos (exceto a bateria), e fazendo bem, fugindo da velocidade e agressividade de épocas passadas, em um trabalho mais intimista. Os destaques óbvios são “Arrival”, com seu andamento técnico e alternância de vocais; “The Eagle and the Snake”, uma música com andamentos suaves e quebrados, vocais limpos aqui e ali, e ótimas guitarras; a hipnótica e progressiva “Catharis”; “Something Out There”, que lembra de longe algo do Emperor da fase “Prometheus”; “The Grave”, que de tão experimental e jazzística, surge o saxofone citado; e a mezzo progressiva, mezzo seca “Departure”, com belos momentos mais melódiosos, com vocais femininos bem colocados. Um bom disco, mas os fãs do Emperor continuarão a suspirar pela volta da banda.

Nota: **8.0**
Marcos Garcia



INCINERADOR
“Enterrado Vivo”
Lux Ferre Productions

Desde a primeira faixa fiquei otimista com o álbum, pois ele se esforça para sair daquele som modinha, típico e copiado por centenas de bandas de Death Metal que parecem fazer um álbum igual ao outro, do primeiro ao último minuto, da faixa de introdução até a última faixa de bônus. “Enterrado Vivo” mantém a morbidez e a brutalidade do Death Metal, porém, o instrumental que dita essa obsessão pela morte muda o padrão em vários momentos, evitando que a sonoridade se torne maçante e, ao mesmo tempo, sem fugir da identidade do estilo. Os riffs se complementam em hora inesperada, a bateria possui um ritmo variado e apropriado, evidenciando a boa composição, e o vocal é das antigas, sem aquele efeito idiota “estou sendo asfocado”. As letras estão todas em português, os versos estão muito bem escritos e é simplesmente fascinante ouvir um álbum de Death Metal com esses padrões. Desde a capa, passando pelas letras e terminando no ótimo instrumental... Esse álbum me traz o mesmo entusiasmo quando ouço Death Metal underground dos anos 80, como as demos do Morbid, Amputation e as primeiras demos do Paradise Lost antes de eles mudarem de estilo. Você quase pode sentir o gosto da terra do cemitério molhada na sua boca. “Enterrado Vivo” é, em conclusão, uma ótima experiência que te faz voltar no tempo, quando o Death Metal se preocupava mais em soar mórbido e perturbador do que com a arte da capa altamente elaborada para compensar o som chato e moderninho que parece ser o mesmo em muitas bandas por aí. Digo que hoje em dia tem muita banda por aí que faz suas capas como se fossem telas de LCD, querendo mostrar que são “ultra gore”, mas nem chegam aos pés desse álbum e dos antigos trabalhos de Death Metal que, raramente, inspiram esses playboys com camiseta de bandinhas pop de Death Metal a fazerem música que ressalte a morte de verdade.

Nota: **10**
Yuri Azaghal



INGROWING
“Heads or Tails”
Bizarre Leprous Production

Que barbaridade. Quanta ignorância. Não há como não ficar impressionado diante do que o Ingrowing expressa com esse EP. São seis atrocidades muito, muito bem acabadas e com um peso absurdo. Vindos lá da República Tcheca, país onde existe o mais importante festival de música extrema do planeta – o Obscure Extreme – o quarteto formado por Patrik “Vlakin” Stan k (vocal/baixo), Jirka “Jurgen” Zajíc (bateria), Rob (guitarra) e Eddie (guitarra) zurze os ouvidos com malevolências em forma de Grindcore/Death Metal. O disco começa de forma certa com “Soul Guide”, uma faixa infernal, com bons riffs e, claro, velocidade descomunal. Bom, e a verdade é que todas as faixas também seguem essa pegada (ainda bem!). E o interessante é que, aliada a toda essa brutalidade, a técnica não ficou de fora e rendeu óti-

mas composições. Entre elas, vale citar “Blackmail” que, em meio a tanta devastação, consegue encaixar, em determinado trecho, um riff levemente melódico, mas bem marcante. Um show! E não bastasse a qualidade das composições próprias, o conjunto encerra “Heads or Tails” com uma versão maravilhosa de “If The Truth Be Known”, do Napalm Death (Harmony Corruption), tão porrada quanto a original. Ah, e o grupo é das antigas, surgido em 1995, e já acumula uma boa bagagem de barulho nas costas; sempre com a mesma proposta, mas ao mesmo tempo, se aperfeiçoando. Logo, é aconselhável adquirir não somente o trabalho aqui resenhado, mas toda a discografia desses seres insanos. Uma pena se tratar apenas de um EP: são apenas cerca de 20 minutos de caos. Enquanto não aparece novo trabalho da banda, o negócio é programar o aparelho de som para repetir o play e continuar quebrando o pescoço com o som desses caras. E aí, algum selo se habilita a lançar a versão nacional? Fica a dica...

Nota: **9.0**
Christiano K.O.D.A.





KIKO LOUREIRO
“Sounds Of Innocence”
Substantial Music

Até aonde vai a capacidade do ser humano de criar sempre coisas novas? O famoso guitarrista brasileiro Kiko Loureiro força as barreiras da criatividade e técnica para criar seu quarto álbum solo intitulado “Sounds Of Innocence”. De inocente ele mostra que nada tem e seu som está cada vez mais apurado, cuidadoso e inovador. Podemos dizer que este novo trabalho é uma mistura fina de tudo o que ele já mostrou em sua carreira. Você irá encontrar um pouco de “No Gravity”, um pouco de “Universo Inverso” e aquele toque especial e característico que o guitarrista possui e pode ser conferido nos trabalhos ao lado do Angra também. Kiko sozinho já é capaz de fazer um belo estrago, imagine acompanhado de Felipe Andreoli

e Virgil Donati? As faixas ganharam mais dinâmica e precisão que só músicos dessa qualidade podem oferecer. Aquele mito de que discos instrumentais são apenas para músicos já caiu por terra. Um álbum como este pode ser apreciado por todos, atingindo um público muito maior. É óbvio que influências de Joe Satriani e Steve Vai estão presentes, mas Kiko Loureiro sabe muito bem inserir sua marca às composições, principalmente nas levadas tipicamente brasileiras – como é o caso da faixa “El Guajiro” e “Mae D’Água”, por exemplo. O Jazz não foi esquecido e está presente em músicas como “Ray Of Life”, bem como seu lado mais Prog, presente em “Conflicted”. Um disco bastante variado e que veio somente para coroar o guitar hero brasileiro, reafirmando sua posição no mercado nacional e internacional, de forma definitiva!

Nota: **9.0**
Pedro Humangous



KROW
“Traces of the Trade”
Two Beers or Not Two Beers

A banda mineira Krow, nascida em 2006, lançou seu terceiro trabalho, o álbum “Traces of the Trade”. O álbum soa de forma dinâmica, com faixas curtas e mensagens diretas, com boas letras e uma sonoridade bruta e bem trabalhada, apesar de algumas vezes ela dar a impressão de soar igual de uma faixa para a outra, o que torna algumas faixas um pouco cansativas. Em temas líricos, a banda apresenta seu forte, variando a temática de uma forma criativa, embora tomando o cuidado para não fugir do foco do estilo. A agressividade do álbum não deixa nada a desejar, porém, a forma como as músicas iniciam não apresenta muita variação de elementos de uma para outra, dando aquela impressão que toda música acaba

exatamente do mesmo jeito que começa, apesar da variação de altura e velocidade nos riffs – isso é algo que se deve tomar cuidado, pois é cada vez mais comum em bandas de Death Metal e variantes. No geral, você ouve esse álbum com aquela sensação de “conheço essa receita de algum lugar”, sendo que, muitas vezes, o álbum soa muito semelhante a bandas como Claustrofobia. Apesar dos riffs serem um pouco repetitivos, o instrumental, no geral, é bem composto, as letras são ótimas e, de forma alguma, pode-se dizer que “Traces of the Trade” é um álbum ruim. “Outbreak of a Maniac” e “Retalliated” são provas da dedicação da banda em incluir mais um álbum decente em seu repertório.

Nota: **7.0**
Yuri Azaghal



MAIEUTTICA
“Conheça A Ti Mesmo”
Independente

O nome Maieuttica pode parecer difícil, mas a sonoridade da banda é de fácil assimilação. Metalcore muito bem feito, apresentando tudo aquilo que se espera do estilo: som agressivo, técnico e super melódico, mesclando os vocais guturais com os limpos. As letras em português estão se tornando cada vez mais comuns entre as bandas nacionais, o que acho muito bacana, pois funciona muito bem. O EP “Conheça A Ti Mesmo” é composto por quatro músicas e serve como um belo cartão de visitas da banda, mostrando o que podemos esperar de um álbum completo – que deve sair em breve. A arte da capa e o logotipo da banda são bem simples, creio que esse seja um fator que possa ser melhorado daqui para frente, levando em conta que a concorrência nesse quesito é muito forte. As músicas são muito cati-

vantes e logo na primeira música você já se identifica com a proposta dos caras. Talvez a maior referência da banda seja o As I Lay Dying, pois o estilo de composição é bem similar – ouça a faixa “Nosce Te Ipsum” e comprove. A gravação ficou boa, podendo melhorar um pouco na qualidade. Outro ponto que notei que merece uma atenção maior são os vocais limpos, que em certos momentos mostra alguma fragilidade e carece de mais força e postura. Destaque para a terceira faixa, “Transição”, com guitarras super inspiradas! Tirando os pequenos detalhes, a banda Maieuttica está pronta para dar passos mais largos e aparecer no cenário nacional como grande promessa do estilo.

Nota: **8.0**
Pedro Humangous



MARDUK
“Serpent Sermon”
Century Media Records

Ainda evoluindo e mantendo intacta sua fidelidade às raízes, o Marduk retorna com mais um ótimo CD, talvez o melhor desde “Panzer Division Marduk”. Isso porque a banda está coesa, fazendo um Black Metal ora veloz e bruto, ora mais cadenciado e climático, e sempre mantendo a velha garra, a mesma força e, dessa vez, fazendo justiça – já que muitas viúvas de Legion ainda choram por sua volta apesar de Mortuus sempre se mostrar um vocalista versátil e cuja voz está bem casada ao som da banda. A produção da própria banda deixa o disco com uma gravação um pouquinho suja, mas algo necessário para a formatação sonora que o quarteto tem exibido há algum tempo, ou seja, vocalizações insanas, variando do rasgado a um gutural bem particular de Mortuus; o trabalho diferenciado de guitarras de Morgan, mestre em se fazer riffs ríspidos, agressivos e “ganchudos”, e isso tudo apoiado pela cozinha rítmica coesa de Devo e Lars, que se mostram mais técnicos que no disco anterior. Pouco mudou em relação aos discos mais recentes em matéria de estilística, embora a agressividade esteja mais explícita, como em pancadarias como “Serpent Sermon”; a curta e veloz “Messianic Pestilence” (N.R.: Mortuus é um monstro!); “Souls for Belial” (vídeo oficial da banda), com riffs afiadíssimos; bem como em canções como “Temple of Decay”, mais cadenciada, com urros apavorantes e bases de guitarra de deixar muito guitarrista com o queixo caído, e “World of Blades”, onde Lars e Devo mostram trabalho em seus instrumentos. Realmente, falar em Marduk é falar em grande qualidade. E quem andava meio desiludido com a banda, é bom dar uma ouvida no CD. Para quem gosta de bônus, a edição limitada vem com “Coram Satanae”.

Nota: **10**
Marcio Garcia



MUDFACE
“Anti”
Independente

Recentemente, levei um soco na orelha em forma de CD digipack que chegou pelo correio, e parece que foi voando direto para meu aparelho de som. Vinda de São Francisco, nos Estados Unidos, a banda Mudface pode ser ainda desconhecida para o público brasileiro, mas essa história está prestes a mudar. Formada por Chris Dinsmore (vocalis), Rich Pia (guitarras), Hugo Calderon (baixo), Brett Crane (teclados) e Pete Bostaph (bateria, irmão do famoso Paul Bostaph), o grupo pratica um tipo de Thrash Metal moderno, na linha do Machine Head, puxando mais para o lado de bandas como Saliva, Drowning Pool e certa dose de Pantera. Sabe aquela guitarra suja e encorpada somada a vocais nervosos e uma bateria cadenciada?

A cabeça e o pescoço tomam vida própria durante a audição das dez faixas presentes no disco. O ponto alto das músicas são os refrãos, sempre muito bem construídos e que grudam na cabeça com facilidade. Uma vez implantadas no seu cérebro, é difícil tirar. “Anti” é um disco consistente, repleto de momentos memoráveis sendo executados pelos músicos. Aliás, um detalhe simples e que fez toda a diferença foi a adição dos teclados – que mais funcionam como sintetizadores – e preenchem todo e qualquer espaço que possa ficar entre os instrumentos. A arte da capa é enigmática e totalmente sem sentido, fechando assim o pacote de forma brilhante. Não é um disco que vai mudar sua vida ou o rumo do Metal mundial, mas é algo que não se ouve com tanta facilidade por aí hoje em dia nessa cena saturada. Um alívio para meus ouvidos, que agradecem.

Nota: **9.0**
Pedro Humangous





NILE
“At the Gates of Sethu
Nuclear Blast Records

Há algum tempo, o Nile se tornou uma espécie de unanimidade de público e crítica fazendo discos ótimos, tanto pela brutalidade quanto pela técnica apurada que lhe renderam o apelido de “Iron Maiden do Death Metal”. Após um hiato de três anos, a banda retorna com seu novo disco e se renovando, já que a brutalidade de antes está mais seca, embora bem trabalhada. A produção, feita por Neil Kernon, deixou todos os elementos da música da banda mais audíveis, somos capazes de ouvir cada instrumento; e o grande diferencial deste disco reside diretamente nas vocalizações, pois 70% delas são mais secas e urradas, com o gutural característico surgindo vez por outra e mesmo aparecendo alguns vocais mais limpos aqui e ali. Musicalmente, o disco tem um nível alto, destacando logo de cara faixas como “Enduring the Eternal Molestation of Flame”, uma verdadeira bordoadá intensa e veloz, mas bem trabalhada; “The Gods Who Light Up the Sky at the Gate Of Sethu”, outra tijolada seca, mas com belos momentos mais cadenciados ótimos e belos riffs (a dupla Karl Sanders e Toler-Wade continua monstruosa e coesa nas seis cordas); a quase épica “Tribunal of the Dead”, com uma velocidade mais moderada, embora os bumbos estejam velozes e técnicos como sempre; a excelente “Supreme Humanism of Megalomania”, que alterna momentos velozes e outros não tanto; e excelente “The Chaining of the Iniquitous”. O Nile está um pouco diferente do que estamos acostumados, mas continua matador como sempre.

Nota: **9.5**
 Marcio Garcia



ORRÖR
“Monstro Brasilis”
Carnificina Records

O ano de 2012 foi marcado por abalos sísmicos no Brasil... Sim, houve um terremoto em nosso país, com epicentro no Rio de Janeiro, para ser mais exato, e as causas são bem conhecidas! Chama-se Orrör o culpado pela destruição. Seu Grindcore primitivo e muito raivoso tem abalado estruturas por onde quer que se escute. São 13 faixas curtas e bastante diretas, que simplesmente físgam o ouvinte pela garganta. Logicamente que velocidade, peso e insanidade – características imprescindíveis do estilo – estão presentes e em doses cavalares! Os riffs simples corroboram para que o disco tenha aquela pegada certa e visceral de um bom grupo de Grind. A banda, que começou como projeto de Pellizzetti (ex-Bodhum) em parceria com Perazzo (Enterro), chamou a atenção no underground e agora estão fazendo

shows onde quer que seja. A produção do CD ficou muito boa, principalmente por se tratar de um tipo de som que demanda um “capricho desleixado”: tudo sujo, mas perfeitamente audível. E como foi mencionada a duração das músicas, fica o protesto: por que essa injustiça de o disco ter apenas 15 minutos? Afinal, o som dos cariocas é tão instigante que precisava de uns “acréscimos”, né? Mas tudo bem, estão “perdoados” pela qualidade do material. Com “Monstro Brasilis”, a cena Grindcore nacional ganha um enorme reforço que, certamente, carregará a bandeira do estilo por muitos anos. E quem quiser tirar a limpo a história do terremoto, é só acessar o <http://www.reverbnation.com/orrörbrasil> e ouvir todo o material – todas as composições estão disponíveis. Indispensável!

Nota: **8.0**
 Christiano K.O.D.A.



OUROBOROS
“Glorification Of A Myth
Independente

Após o sucesso mundial do AC/DC, a Austrália, infelizmente, não revelou grandes nomes para o Metal mundial. Obviamente, surgiram ótimas bandas de lá nos últimos anos, mas dificilmente ultrapassam a barreira do underground. A banda Ouroboros chega com tudo na tentativa de ir mais longe e se mostra um forte concorrente nessa briga. “Glorification Of A Myth” é o trabalho mais recente desses australianos, que não têm medo de experimentar. O disco tem seu foco principal no Technical Death Metal, com fortes características de Thrash. Ainda é possível notar influências de Metal Tradicional, tendendo para o Power. O fato é que Colin Marks – artista responsável pela capa – nunca erra na mão, e mais uma vez nos brinda com um belíssimo trabalho. Felizmente, quando colocamos o álbum para rodar, a alegria é em dobro. Um disco repleto de bons momentos, cheio de técnica, ritmos quebrados, bateria a todo vapor e um vocal cavernoso, literalmente. Aliás, um ponto que poderia ter sido melhorado foi a mixagem dos vocais, que ficaram um pouco abafados em relação aos instrumentos – nada muito comprometedor. Faixas como “Black Hole Generation”, “Sanctuary” e “Disembodied Mind”, me fazem pensar: ou esses caras são de outro planeta ou já começaram a ensaiar no útero de suas progenitoras. Como é possível tanta perfeição e técnicas apuradas empregadas em suas composições? Certamente, não é um registro de fácil assimilação. São precisos ouvidos experientes e cautelosos para apreciar cada minuto oferecido. Estranhamente, a banda não assinou com nenhuma gravadora ainda. Sonho um dia poder ver lançamentos como este em nossas terras.

Nota: **8.5**
 Pedro Humangous



PANKREATITE NECRO-HEMORRÁGICA/LYMPHATIC PHLEGM
“Gastro Intestinal Stromal Tumors/Late Pathological Findings – II” (split 7” EP)
Sonoros Records/Rotten Foetus Records

Quanto gosto, quanta empolgação! É hora de se sentir novamente uma criança feliz ao ganhar um brinquedão! O disco aqui, caros leitores, é um vinil de 7” caprichado e transbordando terror! Em uma época em que mp3 brota por todos os cantos da Internet, essa louvável atitude de lançar um split na bolacha de plástico é um charme, digna dos melhores elogios. Portanto, as boas impressões já começam por aí e, felizmente, prevalecem durante a audição. De um lado, uma das mais respeitadas bandas brasileiras do Goregrind, a Lymphatic Phlegm; do outro, a não menos perturbadora Pankreatite Necro-Hemorrágica, que também destila o estilo, com uma pitadinha (mínima) de Death Metal. A primeira continua totalmente dedicada

a fazer mais do mesmo: um som extremamente sujo, com vocais “vomitadaços”, guitarras e baixo desgraçando nas palhetadas velozes e aquela bateria programada que lhe é peculiar. Ou seja, a identidade da coisa continua intacta! Entretanto, não é possível dizer os nomes das músicas que se destacam, simplesmente porque não existem! O que se sabe é que as faixas são sobras reunidas no disco. Depois da marretada, a peteca não cai com a Pankreatite Necro-Hemorrágica. Com uma produção perceptivelmente superior, o quarteto desce o sarrafo na barulheira bem veloz e uma voz absurda “cantando” ao microfone. Certamente, é um dos destaques da banda, juntamente com a bateria-locomotiva. O material é para colecionadores apaixonados e dotado de qualidade, para não dizer que é indispensável.

Nota: **8.0**
 Christiano K.O.D.A.



PASTORE
“The End Of Our Flames
Voice Music

Por onde o vocalista Mario Pastore passa, deixa sua marca profunda por meio de suas performances sempre extraordinárias. Tive a felicidade de ouvi-lo em bandas como Delpht, Soulspell e agora com sua nova banda simplesmente chamada de Pastore. Antes de falarmos dos vocais, é preciso fazer uma pausa para analisarmos o instrumental que o acompanha. Raphael Gazal, além de compor bastante coisa e produzir o disco, é responsável pelas inteligentes e inspiradas guitarras. Aléxis Gallucci mostra linhas sólidas de baixo, muito bem acompanhadas pela batida precisa de Fabio Buitvidas na bateria. A produção ficou muito boa, deixando o instrumental bem seco e direto, perfeito para o Heavy Tradicional que praticam.

O som é bem melódico e segue aquela linha germânica do Power Metal. Agora, falando sobre as vozes, Mario simplesmente pulveriza tudo nesse álbum, não deixa pedra sobre pedra. A técnica e feeling são de espantar, indo do mais agudo possível ao agressivo com extrema facilidade. Estamos diante de um dos melhores vocalistas do Brasil na atualidade e, muito possivelmente, do mundo. Todas as faixas são bastante empolgantes, pesadas e velozes – com exceção de “When The Sun Rises”, uma “semi-balada”. Senti falta somente de refrãos mais marcantes, que se repetissem mais vezes na música e que funcionam bem para grudar na mente. Destaque para as faixas “The End Of Our Flames” – que abre o disco como um verdadeiro soco no estômago – e “Unreal Messages” pela saudosa semelhança com o grandioso Dio. O Metal brasileiro parece viver sua melhor fase e felizes somos nós que podemos acompanhá-la de perto!

Nota: **9.0**
 Pedro Humnagous



RYCEL
"Imminent"
Voice Music

Me lembro da banda Rygel quando lançaram o disco "Realities... Life As It Is". Sempre via comentários por toda parte, mas infelizmente não encontrava o disco para comprar na minha cidade. Acabou que ouvi pouca coisa naquela época, ficando restrito a algumas poucas amostras no Youtube e no quase extinto Myspace. Felizmente, a banda se manteve na ativa e lança agora mais um disco de inéditas, o "Imminent". De visual reformulado, a banda investe em um Prog/Power repleto de peso, ritmos quebrados e inserções inteligentes de teclado. Seu lado mais melódico lembrou a fase mais nova do Angra, com um toque de Symphony X. Os vocais de Daniel Felipe (que também canta na banda Lothloryen) estão incríveis nesse registro, mostrando uma fúria descomunal, variando sempre com sua voz mais

limpa, fazendo um contraste bastante interessante. As guitarras estão maravilhosas, transbordando distorção sem esquecer a melodia, isso sem falar dos solos inspirados. As duas faixas que abrem o disco – "End Of Days" e "Just One" – são de tirar o fôlego, velozes e com refrãos marcantes. Aliás, o forte do Rygel é a grandiosidade dos refrãos, ponto alto das músicas. A gravação ficou estupenda, afinal, como errar quando se trabalha com Marcelo Pompeu e Heros Trench? A crítica social está presente nas inteligentes letras que completam as composições. Dá para notar que os caras investiram alto nesse álbum e o resultado final ficou digno de aplausos! Um discaço do Metal nacional. Sinta-se obrigado a conferir esse trabalho!

Nota: **9.0**

Pedro Humangous

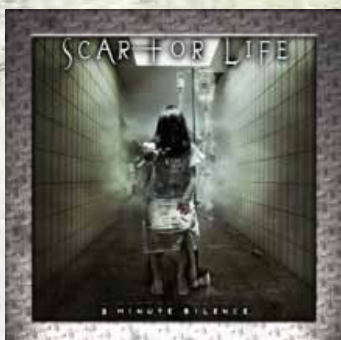


SCANIA
"The Rebe"
Independente

Finalmente, depois de seu último trabalho, em 2008, a banda Scania de Thrash Metal de Brasília lança seu mais novo trabalho, "The Rebel". Muito bem gravado com cinco pesadas e surpreendentes músicas. Mais energéticas do que o último CD, "The Banza Field", as guitarras pesadas de Igor Morato estão bem trabalhadas, com riffs matadores que vão deixar muitos admiradores do estilo boquiabertos. Mario Alvez está perfeito com seus guturais e Felipe Dutra bota para quebrar em todas as faixas com seus bumbos "metralhantes". A capa do petardo é bem simples, mas não tira o brilho da obra que merece respeito. O que faltou, realmente, nesse CD foram mais músicas. Sabemos que se trata de um EP, mas deixou um gosto de "toca mais". Um destaque para a música "The Rebel", excepcional, rápida e voraz, realmente fantástica. Parabéns ao Scania e aguardemos uma nova remessa, pois motor para carregar a mercadoria é o que não falta.

Nota: **8.5**

Ricardo Thomaz



SCAR FOR LIFE
"3 Minute Silence!"
Independente

Após dois anos de silêncio, a banda portuguesa Scar for Life está de volta com algumas mudanças em formação entre "It All Fades Away" (segundo disco da banda, de 2010) e o novo, "3 minute Silence", que estará disponível na Amazon e iTunes a partir de 10 de setembro deste ano. Em relação ao antecessor, o novo tem uma produção sonora de ainda mais alto nível – de novo aos cuidados do guitarrista Alexandre Santos – que está límpida e cristalina, deixando evidente que a banda apresenta algumas diferenças estilísticas. Apesar do jeito de a banda fazer música em si estar intacto, as estruturas harmônicas e melodias estão um

pouquinho mais secas, intensas e agressivas que nos anteriores, já que o novo (e ótimo) vocalista Leonel Silva mixa bem agressividade e melodias em sua voz. E unindo isso aos riffs e solos de guitarra inspirados de Alexandre, mais uma base baixo-bateria pesada e variada, então tomem músicas fortes, agressivas, porém, melodiosas e bastante contagiantes. Não dá para ficar imparcial. Canções como "The Last Crow", que é uma cacetada seca, pesada e com um ótimo refrão; a ganchuda "Burn It All" (esta, com excelentes guitarras); a forte semi-balada "White Shades"; as hipnóticas baladas "Before the Storm" e "Old Man", a primeira com um refrão bem fácil de assimilar, e a segunda com belas guitarras e sofisticação; além da empolgante "The Journey". Uma grata surpresa em meio a tantos bons lançamentos e que, certamente, ficará na função repeat do CD Player de muitos por um longo tempo.

Nota: **10**

Marcio Garcia



TERRORIZER
"Hordes of Zombies"
Season of Mist - Importado

Desde 1989, quando o CD "World Downfall" caiu como uma bomba no underground, o nome do quarteto Terrorizer sempre foi endeusado, pois em seu embrião, lá estavam Jesse Pintado nas guitarras (que estaria depois no Napalm Death. Rock In Peace), mais David Vincent no baixo e Pete "Commando" Sandoval na bateria (ambos mais tarde no Morbid Angel), e Oscar Garcia (do Nausea) nos vocais. Até hoje, a banda é reverenciada com respeito e isso é devido ao trabalho sempre coerente com suas origens, como visto em "Hordes of Zombies", que saiu este ano. E que coerência! Apesar do som mais limpo e bem produzido, a banda continua aquela mesma pancadaria seca, bruta e intensa, sem perdoar ouvidos menos acostumados e deixando desesperados puritanos de plantão. A música que sai pelos falantes, além

de bem gravada, é brutal e agressiva, sem espaços para trabalhos mirabolantes, ou seja, tome riffs de guitarras cortantes e massivos (essa Katina Culture é arrasadora!), vocais urrados ao extremo (Anthony 'Wolf' Rezhawk não deixa ninguém com saudades de Oscar), mais a mesma cozinha do "World Downfall", ou seja, David Vincent se une a Pete e tome uma cozinha exageradamente bruta e sem firulas. Destaques? Ouçam o disco todo, que é muito bom, mas os pontos altos são "Hordes of Zombies" (destruidora, com bases de guitarras ríspidas), "Subterfuge", "Evolving Era" (empolgante, que pode acabar levando o ouvinte a quebrar a casa inteira), "Flesh to Dust", "Broken Mirrors", "Prospect of Oblivion", "Malevolent Ghosts" (mais uma que empolga), e "A Dying Breed". Satisfação garantida ao ouvinte e aporrinhção certa de funkeiros, fãs de pagode, axé e outros, bem como garantia de mesada cortada por dois meses ou mais.

Nota: **9.0**

Marcio Garcia



MORTAL KOMBAT KOMLETE EDITION

WB Games
PS3 / XBOX360

Mortal Kombat 9 foi o motivo que levou a saga a alcançar o perdão, já que os seus jogos anteriores estavam indo de mal a pior – e o ápice de todos foi Mortal Kombat VS DC Universe, em que não tinha violência alguma e recebeu uma classificação Teen. Agora, o mais atual (e possivelmente o melhor) jogo da série é relançado sem qualquer injustiça. Como podemos deduzir pelo nome, todas as skins, novos personagens e demais bônus estão incluídos logo de cara, possibilitando, inclusive, os fatalities extras de personagens como Sub-Zero e Scorpion que antes precisavam das benditas skins para serem executados. Claro, a Sony continua com sua pomposa exclusividade do Kratos, já que God Of War é uma saga sua e de mais ninguém. Isso até que não é nada mais, o que eu quero saber é: por que diabos não fizeram isso logo no começo?! Alguém ai disse “grana”?

Gráfico: **9,0**
Jogabilidade: **9,0**
Som: **9,0**
Enredo: **10**
Diversão: **10**



THE AMAZING SPIDER MAN

Activision
360/3DS/Wii/PS3/PC

Não sei se estamos voltando ao tempo dos consoles de 16 bits em que praticamente tudo lançado pela sétima arte virava jogo, mas independente disso o fato é que “The Amazing Spider Man” é simplesmente fantástico. Os gráficos são, de longe, o ponto mais alto do jogo, permitindo grande exploração da cidade e áreas fechadas com uma riqueza de detalhes de cair o queixo. A jogabilidade está incrivelmente eficaz, apesar de também estar incrivelmente parecida com a dos novos jogos da série Batman – deve ser mal de herói, quem sabe. A garantia do game é que os fanáticos pelo aracnídeo, principalmente os saudosistas dos gibis vão poder matar a saudade arrebatando a fuça de muitos dos vilões clássicos da série adaptados ao novo roteiro excelente, que não deixa nada a desejar. Talvez a mudança brusca de elenco e a mudança de foco façam você detestar o novo filme, mas aconselho dar uma oportunidade ao velho Aranha em seu console. Creio que não irá se arrepender.

Gráfico: **10**
Jogabilidade: **10**
Som: **9,0**
Enredo: **9,0**
Diversão: **10**



RESIDENT EVIL 6 (DEMO)

Capcom
XBOX 360/PS3/PC

Vemos aqui um forte esforço de uma das sagas de jogos mais famosas do mundo para voltar a suas origens. Depois do fiasco de “Resident Evil 5” (falando em termos de terror), que metia menos medo que o solzinho bizarro dos Teletubbies (que eu sempre quis fuzilar com uma AK-47), a demo de “Resident Evil 6” deixa a entender que o pessoal da Capcom está tentando arrumar as coisas. Não que a demo assuste, mas pelo menos temos a volta dos zumbis (dos verdadeiros zumbis), coisa que já vai agradar a muita gente. Os gráficos e a jogabilidade seguem os mesmos padrões de RE 5, porém, com melhorias. As campanhas são divididas em três duplas de personagens, concentrando um grande elenco de protagonistas de jogos anteriores da série, além de apresentar alguns novos. A trama, obviamente, continua obscura; porém, pelo pouco da ação que pude verificar, parece que a Capcom vai mesmo liberar um jogão muito em breve...

Gráfico: **9,0**
Jogabilidade: **9,0**
Som: **10**
Enredo: **9,0**
Diversão: **9,0**



Por Yuri Azaghal.

Running Wild Venom Kreator Overkill Iron Maiden Bathory Possessed Burzum Darkthrone Mayhem Miassthenia Asaradel Malkuth Exorcist Manowar Virgin Steele Gama Bomb Immortal Halloween Making the Cadaver Redemeer Vahlen Grand Funk Railroad UFO Haral My Dying Bride Unleashed Usurper Paradise Lost A Sorrowfull Dream Poeticus Severus Morcrof Feto Abattoir Dorsal Atlântica Piledriver Anvil

Dark Radío

A Casa do Heavy Metal na Internet!

Bewitched Katatonia Tenebrario Korzus Mythological Cold Towers Absu Masacre Black Angel Exterminate Lacryma Sanguine Maua About a Plan Crash Addiction Crepusculo dos Idolos Annihilator HellArise Attonica Autopsy Exhumed Benediction Napalm Death Destruction Acheron Tankard Accept Black S...
www.darkradio.com.br
... of Phil Arathorn Graneland Dark Tranquillit

Trabalhar com Heavy Metal no Brasil não é fácil, seja fazendo shows, assessoria ou artes gráficas. Porém, quem realmente ama o que faz, acaba fazendo as coisas com vontade e muita garra e profissionalismo. João Duarte é um desses casos, e além de ser um excelente profissional, é um daqueles caras que tu acaba virando amigo, independente de ser mais um parceiro nessa jornada. Nesta entrevista, ele nos contou como entrou nessa vida e como funciona seu trabalho, além de revelar que é um verdadeiro “workaholic”! Com a palavra...

JD
DUARTE
DESIGN

JOÃO DUARTE

HELL DIVINE: Antes de qualquer coisa, gostaríamos de saber o que influenciou você a trabalhar com artes gráficas, em especial, o que envolve o Heavy Metal. Será que foi o Eddie que te arrastou para este mundo?

JOÃO DUARTE: Com certeza o Eddie tem influência nisso de alguma maneira, porque sempre fui fã das artes dos discos, pôsteres, tudo que envolve as bandas que eu gosto e o Iron Maiden é a minha preferida. Por volta de 2007 influenciado por um amigo que já trabal-

hava como design gráfico há vários anos, comecei a mexer no Photoshop e a fazer alguns pequenos trabalhos pra ajudar. Nessa mesma época a Marina, minha namorada começou a se interessar por HTML, construção de sites e Myspace e tudo foi indo naturalmente até que unindo meus conhecimentos de design até então com o conhecimento dela de HTML colocamos no ar nosso primeiro Myspace na época, da banda Hangar. E como estamos inseridos nesse mundo do Heavy Metal há muito

tempo, meio que foi natural começar a prestar esses serviços para bandas desse estilo. Logo após isso, comecei a estudar design, web design, programação... E nunca parei de estudar e aprender coisas novas. Estou vendo e estudando a todo tempo livre (todo tempo mesmo, no dia do meu aniversário desse ano eu passei o dia todo no computador aprendendo umas coisas novas em programação em PHP), pois nesse mundo de design e web design aparecem coisas novas e empolgantes a cada semana (risos).

HELL DIVINE: Ao analisarmos os seus trabalhos, veremos que além de desenhar as capas de algumas bandas, você também monta sites, Myspace, etc., dentre outras artes relacionadas aos meios de divulgação. Trabalhar com Heavy Metal no Brasil dá certo? Ou é preciso buscar outras saídas para pagar as contas no final do mês?

JOÃO DUARTE: Os trabalhos que fazemos para as bandas de Heavy Metal (capas/encarte, sites e redes sociais, anúncios, flyers, banners, etc.) cobre a maior porcentagem no final do mês, algo em torno de uns 70%. Os outros 30% ficam por contas de sites de empresas de outros ramos, bandas de outros estilos e outras coisas diversas. Então creio que dá pra viver de Heavy Metal no Brasil sim, mas não pode ter corpo mole... Trabalho em um ritmo bem acelerado praticamente dobrando o famoso “horário comercial”, muitas vezes no final de semana também. Não tenho outra atividade, essa é minha profissão, isso que mantém minhas coisas, por isso tem que ter 100% da atenção sempre. Creio que se eu tivesse um emprego “normal” e fizesse isso durante as horas vagas o desempenho seria menor, sem dizer que não conseguiria dar atenção necessária para os clientes, que é uma das coisas que prezo muito!

HELL DIVINE: Como funciona o processo de criação das artes? No momento que a banda lhe passa alguma ideia, de que forma você dá forma a esta arte?

JOÃO DUARTE: O processo varia bastante. Algumas bandas já chegam com o conceito pronto, com as ideias, rascunhos e tudo mais, outras não têm a mínima ideia do que colocar na capa e aí eu tenho que pedir mais informações sobre as músicas, título do álbum e coisas assim. Mas de qualquer forma quando eu começo o esboço de uma arte, já penso na ideia da capa sendo transformada em site, cartazes e tudo mais, porque está tudo interligado. Mas falando da arte das bandas de Metal em si, eu pego as ideias da banda, jogo tudo num cenário, busco alguma inspiração de cores que vejo em filmes e séries de ficção científica que assisto bastante e vou experimentando. Algumas ideias dão certas logo de primeira e a banda já aprova sem precisar alterar nada e outras levam mais algum tempo ajustando os detalhes, mudando coisas de lugar e experimentando outras cores.





VISIT CADIESART WEBSITE AT
WWW.CADIESART.COM

THE ART OF CAIO CALDAS

You'll find:
MySpace Layouts, Logos & Symbol,
CD Covers, Full CD Packages
Design, Adverts and also all the
ArtWorks FOR SALE!

contact@cadiesart.com
(11) 9632-0826 | cadiesart@hotmail.com



Digital ArtWork
CONFIRA AS ARTES DISPONÍVEIS
À VENDA NO SITE!



CadiesArt Copyrights © 2009-2011 - Todos os direitos reservados

HELL DIVINE: Dentre os seus trabalhos, destaco a capa de "Silent War" do Phornax, em que uma forma mais realista é utilizada, mostrando uma criança na frente de um tanque de guerra. Qual a diferença entre criar algo nessa linha para algo mais fantasioso ou até mesmo mais agressivo? O que separa este nível de criação?

JOÃO DUARTE: O conceito dessa capa veio do nome do disco, "Silent War". Pensei junto com a banda numa criança abalada por causa da situação e um tanque representando a guerra, com algumas destruições no fundo demonstrando o estrago que o tanque já fez. Às vezes uma arte começa bem realista e o conceito vai mudando junto com a banda e acaba ficando algo mais fantasioso e simbólico, vamos dizer assim. Fiz a capa do próximo CD do Circle II Circle, do vocalista Zak Stevens e começou dessa maneira, a primeira ideia da capa não tem nada a ver com a capa final. O conceito foi crescendo e passou de algo realista pra algo simbólico e ficou animal!

HELL DIVINE: Atualmente existem vários artistas brasileiros envolvidos com bandas internacionais, provando que o Brasil não exporta apenas bandas de renome, mas também capas belíssimas. Dos artistas brasileiros da atualidade, quais que você destacaria?

JOÃO DUARTE: Putz, sou terrível com nomes... Às vezes eu vejo uma capa, acho demais e fico sabendo que foi um brasileiro que fez isso me dá um grande orgulho em saber que as pessoas de outros países além de ouvirem as bandas daqui elas se preocupam em saber quem fez a capa o CD, quem fez o site e as redes sociais. Isso prova que temos profissionais não somente nas bandas, mas em tudo que envolve um lançamento de uma banda, indo desde a gravação num estúdio de qualidade, uma boa sessão de fotos e uma arte legal combinada com um site e redes sociais quem envolvem tudo isso. Sensacional!

HELL DIVINE: Nos anos 80, e até hoje em dia, Ed Repka se tornou o mestre das capas de Thrash Metal, com desenhos sobre guerras atômicas, zumbis e política em geral. Já Derek Riggs ganhou fama com Eddie, e diversos outros artistas se destacaram por criar algo próprio e muitas vezes inimitável. Há uma busca por este tipo de reconhecimento vindo de você? Quais seus planos futuros em relação a esta carreira?

JOÃO DUARTE: Bom, esses caras são monstros no que fazem além de terem um talento fora do comum. Seria sensacional se daqui uns anos se as pessoas baterem o olho nas artes que eu faço e reconhecerem de cara que são minhas. Mas acho que isso tem que ser algo natural também, mas não é uma coisa que eu tenho em mente na hora de criar algo, apenas penso na arte ideal para o momento e deixo a história seguir seu curso.

HELL DIVINE: Um assunto que eu gostaria de abordar é sobre o Myspace, já que você cria layouts para o mesmo. Com a mudança de códigos e estrutura, várias bandas foram

prejudicadas, pois haviam pagado pelo serviço de designers e de uma hora pra outra tudo mudou. Do seu ponto de vista, esta mudança afetou o site a ponto de muito simplesmente desistir de divulgar suas músicas neste espaço?

JOÃO DUARTE: Sim, eu me lembro dessa época, acho que meu telefone nunca tocou com tanta frequência quanto naquela época (risos). Mas eu garanto que refiz todos os meus layouts de Myspace que estavam no ar, sem exceção, então meus clientes não ficaram na mão. O Myspace, como qualquer outra rede social, tem suas próprias regras e essas podem mudar a qualquer hora. Costumo sempre avisar as bandas sobre isso, mas continuo achando que o Myspace ainda é uma boa forma de ter seu material na internet e com baixo custo. Se o cliente tiver como investir, o ideal é ter um site oficial para ficar livre de correr esse risco de mudanças repentinas, aliado a um Myspace, Twitter, YouTube e Facebook, entre outros.

HELL DIVINE: De que forma alguém que busca espaço nesta área pode se aprimorar? Já vi gente com grande capacidade de criar artes maravilhosas criadas à mão não se adaptarem a softwares e aplicativos destinados a este serviço...

JOÃO DUARTE: Sim, também conheço. Bom, acho que vai de acordo com o interesse da pessoa, se ela precisar, ela vai se adaptar às novas tecnologias. Cursos têm aos montes por aí e é só se interessar e dispor um pouco de tempo livre para se dedicar. Conheço pessoas que eram aversas às novas tecnologias e que pela necessidade começaram a se adaptar e hoje pintam a mão direto no Photoshop com um tablet. Ou seja, é a mesma coisa de antes, só que da forma de hoje em dia... E posso dizer: quem experimenta essa nova maneira, nunca volta para como era antes (mais risos).

HELL DIVINE: Com o incrível crescimento da cena Metal, creio que a busca pelos serviços prestados pela sua empresa devem ter aumentado, correto? Quando o prazer se torna um martírio?

JOÃO DUARTE: Sim, aumentaram bastante e continuam crescendo. Cara, nunca foi um martírio, amo o que eu faço, cada segundo... Esse é o segredo! Lutei tanto para ter e fazer minhas coisas que sou apaixonado por tudo que envolve essa profissão. Só me arrependo de não ter começado mais cedo! Isso sim é um martírio!

HELL DIVINE: Muito obrigado pelo tempo cedido! Fica o espaço destinado a assuntos que não foram abordados, e claro, seu recado para os leitores da revista...

JOÃO DUARTE: Muito obrigado pela entrevista! É muito legal poder falar das coisas que curto, que são Design e Heavy Metal! Obrigado a todos os clientes que acreditam no meu trabalho e que acabam virando amigos de verdade. Para entrar em contato e conferir meu portfólio é só acessar www.jduartedesign.blog.com. Um abraço e nos encontramos nos shows!

Por Maicon Leite.



AVALANCHE METALFEST – 4ª EDIÇÃO

Centro Regional de Eventos – São José do Rio Preto/SP

Data: 7 de julho de 2012

Texto e fotos: Christiano K.O.D.A.

Colaboração: Stanley Bilatto



Era para ser um dos maiores e melhores festivais de música extrema já ocorrido no interior do estado de São Paulo. Gratuito e em local acolhedor, tinha tudo para dar muito certo. Sem enrolação, aos fatos. O Avalanche Metalfest tinha início marcado para as 11h. Tudo bem, raríssimos são os eventos do tipo que não sofrem atraso, mas daí demorar mais de quatro horas para o começo, foi de doer... A primeira banda foi o Cult, que apresentou seu Death Metal em menos de 15 minutos, com o som bem prejudicado. Aliás, o som foi outro problema seriíssimo durante todo o evento, quase sem exceção (Incantation e, principalmente, Immolation tiveram a qualidade do áudio aceitáveis). Na sequência, Disforterror, também de Death, entrou no palco, curiosamente como trio, mas pouco depois, ficaram sem baixista – parece que o dito cujo foi convidado somente para quebrar um galho – e tocaram por cerca de 20 minutos. Mas o que chamou a atenção foi o vocalista/guitarrista do grupo, que ficou mais preocupado em fazer discursos sobre

sua banda do que em detonar. Resultado: mais tempo falando do que tocando. Aversão foi o próximo conjunto a destilar o Metal da morte, e também estava sem baixista – os problemas com esse posto atingiram outras bandas também. Quanto ao público, a verdade é que em quase nenhum momento estiveram em grande número à frente do palco para prestigiar as bandas nacionais. Muitos preferiram ficar conversando e bebendo, longe da agitação. Sorte de quem estava colado lá. A dispersão diminuiu quando o Black Metal do Barrabás entrou em cena e fez um bom show. O som teve uma quase imperceptível melhora. Detalhe: foi a terceira banda seguida sem baixista! Bom, mas era hora da Inhumate Rites mostrar seu Death/Black. Era nítida a intimidade que o grupo tinha com seus instrumentos, mas o espetáculo foi encoberto mais uma vez por um amontoado de ruídos que chegavam aos ouvidos do público. Som muito aquém do desejado. Uma boa apresentação, se desconsiderar o áudio. Depois deles, devido ao atraso do início do Avalanche, começaram as alterações nas ordens dos grupos. E é bom ressaltar que todos que estiveram no palco tocaram sets bastante curtos. Até mesmo o seguinte, Nervochaos, também não escapou disso, mas mandou ver e tocou aquele Death Metal primitivo já bem conhecido pelos fãs. Eles deram uma renovada no ânimo dos presentes, com a qualidade sonora um pouco superior à da banda anterior e fizeram sua parte. E chegou a hora mais esperada pelos fãs: na sequência, In-



cantation e Immolation! A primeira já destruiu no palco, com muita empolgação e peso, com o som muito melhor. Tocaram vários hinos criados ao longo da carreira e deixaram os presentes bastante satisfeitos com sua performance. Coisa de quem é veterano e sabe o que quer! O Immolation não deixou por menos e, com a ajuda do som, que estava muito bom àquela altura, também se mostrou à vontade no palco (exceto o guitarrista Bill Taylor que, por alguma razão, permaneceu sem agitar e no fundo do palco o show todo) e também executaram algumas pérolas do Death Metal mundial. Não é à toa que, mesmo não sendo tão “populares” quanto um Cannibal Corpse, por exemplo, os caras hipnotizaram os fãs com uma excelente atuação. E ainda mostraram simpatia ao agradecer e cumprimentar o pessoal da primeira fila após o encerramento do show. Só para não passar em branco, é bom registrar que o vocalista do Incantation, John McEntee, também estava bem à vontade no meio do público e conversou, distribuiu autógrafos e tirou fotos com os fãs. Depois das grandes, o pesadelo do som insatisfatório voltou. Apesar disso, a Havok surpreendeu bastante todos e tocou um Death Metal brutal e técnico, impressionando os felizardos presentes. Uma pena o tempo ser escasso. Ah, e novamente, foi mais uma banda que não contou com baixista (que maldição foi essa? Tudo bem, parece que eles se apresentam em dupla mesmo...). Depois foi a Lacerated, que também fez um grande show de Death, mas que, infelizmente, não foi tão apreciado pelo público, que estava bem disperso. Quem perdeu, perdeu, porque os caras deram o sangue! Em seguida, muito Black Metal com direito a corpse paint foi o que trouxe a Hurtgen, outra boa surpresa da noite, com seus riffs empolgantes e a música, de um modo geral, bastante concisa. Mas sempre lembrando que o som permanecia sem qualidade. E aí, foi a hora do Cauterization também fazer uma apresentação bastante empolgante e extremamente profissional. O Death/Black do trio foi marcante, com destaque para o gutural infernal da vocalista/guitarrista Maysa Rodrigues, único membro do sexo feminino em todo o festival. Uma pena o show acabar de forma tão abrupta como aconteceu. Depois deles, Anarkhon e seu Death Metal/Splatter mesclando levadas cadenciadas com riffs rápidos e algumas pegadas brutais foram o que a plateia conferiu no palco. Sua temática mórbida, “putrefante” e insana vem melhorando a cada show, adquirindo cada vez mais apreciadores dessa destruição fétida. O som dava sinal de melhora, ao menos em relação ao início do evento (mas foi só impressão). Depois, vieram os cariocas do Lacerated and Carbonized

e mantiveram o alto nível do fest. Executaram um Death Metal nervoso e muito bem feito, mostrando porque a Mutilation Records apostou no lançamento do novo disco. E a Vomepotro dominou no palco, na sequência. É um conjunto digno de todo o respeito que conseguiu nesses anos de existência. Brutal Death duríssimo na veia, eles sempre destroem! Contudo, não bastasse a qualidade do áudio, quando o Bestial subiu ao palco, o constrangimento aumentou: já com as luzes acesas, o que quebrou o clima até o final do evento, o grupo foi profissional e não levou em conta o horário avançado e o pequeno, mas seleto público: simplesmente arrebentaram com tudo. A qualidade musical do pessoal do extremo Sul do país está em um patamar impressionante. A Exterminatorium teve a sua apresentação aos trancos e barrancos, com a aparelhagem bem zoadá. Que pena. E fechando o Avalanche, foi a vez do Ain Sof Aur, de Brasília. Infelizmente, a apresentação foi marcada por desentendimentos entre banda e o pessoal da iluminação e do som, que já desmontava seus equipamentos. E nisso, duas bandas acabaram não tocando no evento: Imperious Malevolence e Descerebration. A primeira, segundo a organização, foi por motivo de horário avançado: alegou-se que um contrato foi assinado, no qual o responsável pelo som permaneceria até as 3h30. De fato, foi o que aconteceu. Uma pena, já que o pessoal da Imperious viajou dez horas para se apresentar. Já quanto à Descerebration não tocar, também de acordo com a organização, foi pelo fato de o grupo “não ter dado notícias do seu não comparecimento, e não por falta de verba”. No fim das contas, o Avalanche Metalfest acabou tendo um lado positivo e outro negativo: a parte boa foi a iniciativa de conseguir realizar algo tão grandioso e gratuito; a ruim, foram os problemas acima expostos. Colocando na balança, apenas quem esteve presente saberá responder qual deles pesou mais. Que a próxima edição venha, mas com ar mais profissional.

PS: A banda Descerebration foi procurada via Facebook, mas até o fechamento desta edição não havia se manifestado.



NABAT



Nabat surgiu em Berlim (Alemanha) no ano de 2009. Sua demo de estreia “Opus Mortis” (2011) possui cinco faixas devastadoras de sonoridade crua, agressiva e nada tímida, retomando as raízes sonoras do estilo de uma forma majestosa e exemplar. Prova disso é a faixa “Triumphus Pestis Mortiferae”, que soa mostrando uma composição criativa, uma atmosfera distorcida e um impacto fulminante em termos harmônicos. Uma ótima pedida para quem aprecia a sonoridade tradicional do Black Metal.

PREY OF CHAOS



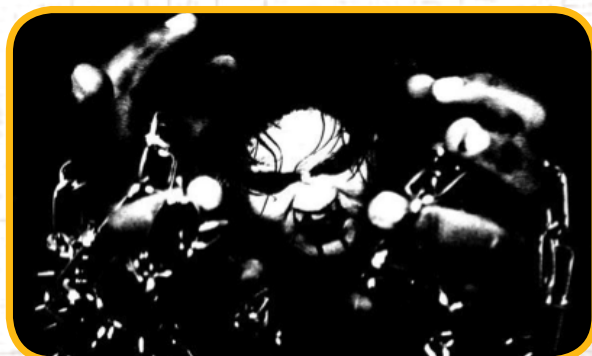
Com “Lost Hope”, sua terceira e mais recente demo (2012), a banda de Grindcore brasileira Prey Of Chaos está mostrando que é digna de lutar pelo seu espaço. Honestamente, Grindcore é a única coisa que tem “core” no nome que me agrada, e mesmo assim não são todos. Porém, me sinto no dever de recomendar essa banda, pois Prey Of Chaos toca um Grindcore de macho, bruto, direto e sem frescuras. Faixas como “Mortal Lesson” e “Inhuman” te deixam com sangue nos olhos, ótimo para se ouvir enquanto se assiste a “Traços Da Morte”.

TOXIC HATE



O mexicano Urique Quiñones iniciou de forma modesta seu projeto de Death Metal, Toxic Hate, com uma demo lançada, em 2010, contendo apenas três faixas e menos de dez minutos de duração total. O que me levou a citá-lo aqui foi que a modesta demo se tornou uma ótima estreia, fugindo daquela sonoridade modinha chata que se encontra aos montes no Death Metal. E, sim, retomando ao bom e velho som brutal com guturais excelentes, lembrando Krisiun em alguns aspectos. Se o que vier em seguida seguir essa pegada, então Toxic Hate irá nos mostrar muita coisa digna de nota.

AWICHA



Banda da cidade de Bangkok, formada unicamente por Emperor Viperon. Awicha é um projeto de Black Metal com um leve toque de Thrash em sua sonoridade. Sua última demo “Hymns of the Winter Flames” foi lançada, em 2011, mantendo a sonoridade crua, veloz e furiosa. A banda é uma prova do tamanho da cena Black Metal mundial e, embora possa não agradar aqueles de orelha mais fresca por se basear na sonoridade Raw do estilo, não deixa de ser um excelente trabalho que deve ser conferido pelos fãs do gênero, principalmente por aqueles que não exigem uma sonoridade cheia de “refinamentos” para compreender um ótimo trabalho.

IMPÉRIO PROFANO



Mais uma ótima horda do nordeste que lançou nesse ano sua mais recente demo “Orgias e Batalha”. Império Profano, assim como Hécate, é uma entre várias hordas que mostram a qualidade inquestionável da cena nordestina. “Orgias e Batalha”, lançada pela Jazigo Distro, está simplesmente avassaladora, sendo a primeira demo a não ser lançada de forma independente pela banda. A composição está fenomenal, com cada instrumento criando uma harmonia macabra e intensa. Altamente recomendada em nome do esforço desses caras e do resultado incrível.

Por Yuri Azaghal.

Prepare-se. O capítulo dois tem a função de mostrar dez das manias mais irritantes, inúteis, idiotas e odiosas que algumas pessoas dentro do metal insistem em fazer. Muito provavelmente você já fez uma ou mais coisas das que estão descritas abaixo. Mas não se preocupe, pois errar é humano. Agora, se você insistir no erro...

A.M.F – Capítulo 2: O Lado Podre Do Metal (As 10 manias mais cretinas de alguns headbangers)

01 – Quando você vai a uma pizzaria, por exemplo, e não gosta da pizza de brócolis, você simplesmente pede outro sabor. Você não começa a berrar dentro do estabelecimento (ou escreve um texto altamente detalhado) que “brócolis é um lixo, uma abominação e deveria ser exterminado da face da Terra”. Bastante lógico e inteligente, não é? Pois seguindo esse mesmo raciocínio, ainda não entendo como tem gente que perde tempo nos sites e redes sociais da vida escrevendo insultos e críticas que não vão mudar o gosto e a cabeça de ninguém sobre aquela banda ou gênero. Sim, é uma atitude vergonhosa e ridícula, mas fazer o quê? Certos seres humanos sentem a incrível necessidade de serem ridículos e idiotas...

02 – Todo mundo tem aquele amigo gore obsessed, misantropo, adorador da morte e que gosta de cozinhar bebês no forno e gravar em vídeo seres humanos morrendo em agonia enquanto gargalha diabolicamente em êxtase satânico. Triste é ver esse mesmo amigo tentando promover a banda de Death Metal dele em um show beneficente para ajudar crianças com câncer.

03 – Todo mundo adora meter o pau no Black Metal. Adoram enfatizar como tr00 é arrogante e odeia os “novatos” da cena que não passam de posers e malditos amadores. O engraçado é que quando eu vou a um evento de Black Metal, faço vários amigos em uma noite. Em compensação, quando vou a eventos de alguns outros gêneros que prefiro não citar, todos passam com seus grupinhos bêbados com aquela cara de “somos bons pra car...” e não olham na cara de ninguém. Fatos da vida.

04 – Todo mundo sabe que você não gosta da banda X, mas quando essa banda resolve fazer algum show na sua cidade sempre aparece um Tonhão para te convidar. (Detalhe: Querendo ir de VIP, que custa no mínimo R\$200,00).

05 – Humildade é sempre uma coisa escassa para alguns. Fulano (a) abre um blog para falar de metal (principalmente o que engloba a moda underground).

Aí, assim que começa fazer um pouquinho de sucesso, vai desfilando na galeria para anotar mentalmente quantas pessoas o (a) encaram (claro, sem olhar de volta). Se tem gente que já fica (idiota) assim por causa de um blog, imagina se fizer uma banda e a banda ficar famosa...

06 – Ainda falando desse povo de blog, algumas dessas pessoas gostam de dar a entender que conhecem metal pra caramba, mas quando você pergunta a elas o que elas gostam de ouvir, normalmente falam aquela meia dúzia de bandas “nada previsíveis”.

07 – Algumas bandas possuem um som chato, repetitivo ou simplesmente ruim, e então apelam para algum outro fator para conseguir fãs (normalmente esse fator é o nível de gostosura da vocalista). O pior de tudo é que isso funciona, e o pessoal grita “banda tal é fo** pra car**** mano!”. Se o vocal for feminino e o som um saco, já suspeite o porquê da fama.

08 – Existem aqueles fãs que possuem uma verdadeira fobia de rótulos, como se rótulos fossem o pior insulto do mundo. Mas quando ouvem alguma banda “inovadora”, daquelas que misturam Bossa Nova com Krisiun e ainda acham que estão fazendo metal, aí esse povo escarra, faz careta, levanta o dedinho do meio e corre para apagar o MP3 do HD (Sim, MP3, ou você acha que essa molecada tem respeito pelo trabalho de alguém?). Eu admito que sou chato, detestável e desagradável, mas pelo menos sou sincero quando digo que odeio misturebas ridículas e sem sentido.

09 – Fazer resenhas de álbuns é querer padecer no inferno. Digo isso porque tem infeliz que ainda não aprendeu que resenha é algo muito pessoal, que você não é obrigado a gostar de tudo o que ouvir nem de achar todo álbum a próxima maravilha do mundo. Aí o que acontece depois disso? O idiota tenta te ofender com aquele argumento clichê de todo bobão que quer se sentir superior a alguém: “Ahn, esse cara não entende nada de metal” (baseado em fatos reais). Desculpa aí, mas não vou mudar o meu gosto para agradar a ninguém. O engraçado é que quando as bandas recebem notas negativas por seus trabalhos, elas entendem o que eu acabei de dizer. Já os fãs...

10 – E por fim, a última e mais importante: Andar de carro pelas ruas de sua cidade e abrir a janela para gritar “Aeeee metal!” para qualquer headbanger que esteja passando pela rua naquele momento não ajuda em nada e fica mal para a sua imagem (só uma dica).

Por Yuri Azaghal.

METAL BRASILEIRO - CLÁSSICOS ATEMPORAIS - PARTE 2

Dando seguimento a homenagem ao Metal brasileiro iniciada na edição passada, desta vez abordaremos mais quatro discos essenciais para a nossa história musical, iniciando por aquele que foi o primeiro lançamento do estilo no Brasil: Stress! Como a lista é longa, e o espaço curto, na próxima edição daremos continuidade, e se você quiser sugerir algum disco em especial, escreva para nós, teremos o maior prazer em atendê-lo! Ainda nesta matéria contamos com a participação especial de Claudio David, guitarrista do Overdose, e Evandro Jr., baterista do Anthares, contando como era aquela época e detalhes sobre os discos. Boa leitura!

Discos essenciais:



STRESS
"Stress"
1982

Se há uma banda que tenha iniciado todo o movimento Heavy Metal no Brasil, esta banda é o Stress. Apesar de todas as dificuldades existentes no início dos anos 80, Roosevelt "Bala" Cavalcante (baixo/vocal), Pedro Lobão (guitarra), André Lopes Chamon (bateria) e Leonardo Renda (teclados) encararam os desafios e fizeram história. Gravado no Rio de Janeiro, "Stress" marca pela agressividade e velocidade das composições, recheadas de letras provocativas, algumas até censuradas. Sodoma e Gomorra, Oráculo de Judas, O Viciado, Mate o Réu e O Lixo se tornaram clássicas e até hoje são reverenciadas no show do grupo, que continua na ativa firme e forte. Assim que terminaram as gravações do álbum, voltaram a sua terra natal para lançá-lo e fizeram um mega show no estádio do Clube Paysandu, para cerca de 20 mil pessoas. Histórico, no mínimo! Ouvir tal obra é estar presente diante de um monumento da história do som pesado, digno de reverência. Muito se fala que "Stress" foi uma das sementes do Thrash Metal, o que não deixa de ser verdade, basta prestar atenção no ritmo mais rápido empregado e na agressividade latente. Matador!



ANTHARES
"No Limite da Força"
1987

O Thrash Metal brasileiro sempre teve uma quantidade muito grande de bandas, mas foram poucas que deram seguimento à carreira, seja lá por quais motivos, mas deixaram registros preciosos, que merecem ser apreciados com o volume no talo. "No Limite da Força" encaixa-se nesse quesito, e felizmente a banda está de volta com força total, mostrando que o tempo não apaga a fome animal por guitarras velozes, vocais ríspidos, cozinha fulminante e solos endiabrados. Nas palavras do baterista Evandro Jr., "Os anos 80 foram algo indescritível na história do Heavy Metal do Brasil, e felizmente para nós do Anthares, pudemos vivenciar isso de forma intensa, a partir da metade da década. Desde os primeiros shows pudemos perceber uma legião de bangers cada vez mais crescente nos nossos primeiros shows... Era o sinal de que estávamos no caminho certo!". O nome banda serve como "intro" do play, cabendo a "Fúria" dar início ao massacre... E que massacre! A adrenalina que esta música proporciona é algo fora do normal, só pode! A faixa-título segue o mesmo caminho, numa velocidade estonteante de dar gosto. Resumindo: "No Limite da Força" é a prova viva da força do Thrash Metal tupiniquim, e só nos resta deixar o cabelo despenteado, o pescoço dolorido e alguns hematomas porventura ganhados em alguma "roda" no show dos caras. Eu já tive a sorte de vê-los ao vivo e não vejo a hora de rever! "Apesar da 'Fúria' e 'Vingança' receberem uma grande importância ao longo dos anos, eu particularmente, sempre tive uma predileção pela 'Chacina', por causa da sua pegada Thrash mais 'visceral'", comenta Evandro, revelando suas faixas prediletas. Em relação ao lançamento do disco, o baterista explica como tudo ocorreu: "A banda ficou em evidência, e surgiram os primeiros selos interessados em lançar nosso disco. Naquela ocasião, em 87, optamos pela Devil Discos, por ter sua

sede em SP e pela proximidade que tínhamos com o Chicão, o dono da gravadora, que nos foi apresentado através do Enio, antigo proprietário do selo Lunário Perpétuo, que havia lançado o primeiro disco do Vulcano. Assinamos contrato e fomos para um estúdio excelente em SP onde o Viper havia acabado de gravar o "Soldiers of Sunrise". Gravamos o "No Limite da Força" em cerca de 100 horas, com toda a produção bancada pela Devil. A partir daí, o álbum bombou demais e o Anthares viveu dias intensos na cena nacional.". Em tempo: "Batalhas Ocultas" está no panteão dos clássicos e se você ainda não ouviu, faça um favor para si mesmo e "caia pra dentro".



OVERDOSE
"You're Really Big"
1989

Ao lado do Sepultura e tantas outras bandas, trataram de colocar Minas Gerais no topo da cena Heavy Metal, abrindo portas e dando ao mundo discos maravilhosos, como este "You're Really Big", onde o Overdose primava pela técnica e boas composições. Na verdade, a banda sempre ousou, mudando sua sonoridade ao longo dos anos, mas sempre mantendo a qualidade e peso acima de tudo. O guitarrista Cláudio David explicou detalhadamente como tudo rolou: "Foi a primeira participação do Fábio Ribeiro em um disco, e também bem ousado na nossa parte colocar teclados naquela época. A minha música predileta é "Big as the Universe", mas a mais famosa é "Let Us Fly". A entrada do André também fez diferença. Ele entrou com 13 anos e gravou o "Big" com 14 e com a maturidade nos arranjos de gente grande. Em minha opinião, o "Big" foi uma quebra no paradigma das bandas brasileiras. Eu me lembro de que todo mundo dizia que era impossível tocar como os gringos, acredito que depois do "Big" essa opinião mudou. Foi o disco que mais fizemos shows, na maioria toscos, com equipamentos ruins e bichados, o que dificultava muito para nós reproduzirmos os mesmos arranjos ao vivo." As nuances melódicas, sobretudo a pujança sonora que já se iniciava com a intro "Over the Sky", dava a entender que o quinteto mineiro não estava pra brincadeira. A velocidade de "Stoneland" e seus belos solos de guitarra, bem como a técnica empregada em cada acorde já davam a ideia do que o material apresentava. Pedro "Bozó" (vocal), Claudio David (guitarra), Fernando Pazzini (baixo) e André Márcio (bateria) acabavam de forjar um clássico... "Fight for Your Dreams" fechava "You're Really Big" com chave de ouro e abria caminho para uma fase mais agressiva, deixando de lado alguns elementos que os acompanhavam desde o início... "Na verdade, era eu quem puxava o virtuosismo da banda, mas aí o Bozó cansou, parou de fazer aulas de canto e resolveu que queria começar a cantar mais agressivo. Eu também estava em uma fase muito Thrash em termos de gosto, então comecei a compor músicas mais pesadas. O Fernando não muito gostou da ideia, tanto que acabou saindo porque achou que abanda pesou demais para o gosto dele. Apesar de muitas pessoas adorarem o "Big", eu acho que ele não tem o reconhecimento merecido dentro da história do Metal Brasileiro."



Ratos de Porão
"Anarkophobia"
1990

Mestres na arte de unir Metal e Hardcore/Punk, o RDP entrou para a história do som pesado brasileiro ao ser um dos primeiros nomes a fazer esta, até então, mistura, tanto que chegaram a ser considerados traidores do movimento Punk. Os discos anteriores a "Anarkophobia" foram precursores do Crossover brasileiro, mas este play possui um track list perfeito, onde cada música possui características tão próprias que acabam se sobressaindo de sua discografia. "Contando os Mortos", "Morte ao Rei", "Sofrer", "Ascensão e Queda", "Mad Society", "Ódio", "Anarkophobia", "Igreja Universal", "Commando" e "Escravo da TV" se tornaram obras irreparáveis do nosso Metal, agradando bangers e punks de uma mesma forma. As letras sempre apresentaram assuntos relacionados à política e demais assuntos polêmicos, como por exemplo, "Ascensão e Queda", que fala sobre uma determinada banda em que os músicos começaram do underground, fizeram sucesso e acabaram atolados nas drogas. O cover de "Commando", do Ramones, é um dos destaques, com João Gordo & Cia. prestando uma bela homenagem aos Reis do Punk Rock.

Por Maicon Leite.



11/08 | Horário: 18hrs

LOCAL: HANGAR 110 (R. RODOLFO MIRANDA, 110) | INGRESSOS: 50 (ESTUDANTE) 70 (PROMOCIONAL) 100 (INTEIRO)

PONTOS DE VENDA: GALERIA DO ROCK (HELLION & PARANOID) | INFORMAÇÃO: WWW.MYSPACE.COM/TUMBAPROD

Por Lauro Nightrealm
templeofarts.ds@gmail.com

APOIO: **HELL DIVINE**
ONLINE METAL MAGAZINE

REALIZAÇÃO: **TUMBA**
Productions

Under
Metal

UMF12

22. 23. 24 DE NOVEMBRO
SOL MUSIC HALL
GOIÂNIA

Black Label Society
KORZUS **LOCKUP** **HIBRIA**
HANGAR

AURORA RULES AUTOPSE BEHAVIOR DEADLY CURSE
RED FRONT RED OLD SNAKE REVENGIN TRUE

E MUITO MAIS...

MAIS INFORMAÇÕES!

WWW.UNDERMETAL.COM.BR/FEST

Realização

Under
Metal

Co-Produção BLS

T-P
LINK
www.tlinkmusic.com

Apoio

Boghi
Cortizo
fotografia

HELL DIVINE

Sun & Sci

Vendas Goiânia

RORIZ

62 3895-2737

62 3942-7221

hocus
pocus

62 3892-1927

GO
INK.
AMBIENTE SKATE SHOP

62 3251-6459

American
Music

62 3892-6857

Vendas Brasília

BERLIN DISCOS
Rock'n Roll Total

61 3226-3186

Vendas Internet

ticplus

www.ticplus.com

Storm Festival 37

FLESH GRINDER

Death/Grindcore (Joinville/SC)

SYPHILITIC ABORTION

Goregrind (Caxias do Sul/RS)

GORY

Death/Splatter (São Leopoldo/RS)

Data: 08/09/2012 - Sábado

Embaixada do Rock

(Rua Presidente Roosevelt, 806. Centro - São Leopoldo/RS)

OPEN BAR!! Com cerveja, whisky, vodka, refri e água liberados das 23 às 4 horas da manhã.

INGRESSOS: Feminino: R\$25,00 e Masculino: R\$35,00
(Confirmando pelo evento no Facebook)

Apoio:



OPEN THE ROAD FESTIVAL

COMEMORANDO 6 ANOS DE ATIVIDADE!



ANTHRAX

BLASPHEM

19/08 (DOMINGO)

MANIFESTO BAR

RUA IGUATEMI, Nº 36C | SÃO PAULO/SP

TEL.: 11-3168-9595 | WWW.MANIFESTOBAR.COM.BR

WWW.OPENROADAGENCY.COM

PISTA: R\$ 50,00 (1º LOTE) || CAMAROTE R\$ 100,00 (1º LOTE)

INGRESSOS GALERIA DO ROCK: MUTILATION

INGRESSOS ONLINE: WWW.TICKETBRASIL.COM.BR



MITNEL
produções
apresenta:

Vivo UNDERGROUND



Impetus Malignum
(Black Metal) - Porto Alegre



Human Plague
(Death/Thrash Metal) - Santa Maria



Blasting
(Thrash Metal) - Porto Alegre



M-19
(Thrash Metal) - Porto Alegre



Cursed Fate
(Thrash Metal) - Gramado

4 de Agosto R\$ 10 (antecipado)
23 horas R\$ 12 (na hora)

Participação do DJ Maicon Leite
Antecipados na Loja APlace
(Rua Voluntários da Pátria, 294 loja 150 - Centro Shopping)

Garagem Hermética (Rua Barros Cassa 1386)
Porto Alegre

Apoio:



ROCKBOX
WWW.ROCKBOX.COM.BR

Storm Festival 36

OVÁRIOS

Goregrind (Lages/SC)

Uma das bandas pioneiras do Goregrind no sul do Brasil, de volta ao RS!

LETHAL SENSE

Rotten Death Splatter (Bento Gonçalves/RS)

HARMONY FAULT

Goregrind (Lajeado/RS)

Data: 11/08/2012 - Sábado

Embaixada do Rock

(Rua Presidente Roosevelt, 806. Centro - São Leopoldo/RS)

OPEN BAR!! Com cerveja, whisky, vodka, refri e água
liberados das 23 às 4 horas da manhã.

INGRESSOS: Feminino: R\$20,00 e Masculino: R\$30,00
(Confirmando pelo evento no Facebook)

Apoio:



HELL DIVINE

ONLINE METAL MAGAZINE



**FAÇA O DOWNLOAD AGORA MESMO
DAS EDIÇÕES ANTERIORES!**

WWW.HELLDIVINE.COM

**PROGRAMA MUNDO METAL E NOITE SR. F TRAZEM A PORTO ALEGRE:
THE GREAT EXECUTION TOUR 2012**



Lançando o CD "The Great Execution"

26 DE AGOSTO (domingo) - 20:00 h

Ingressos antecipados R\$ 35,00

A Place, Zeppelin, Lojas Trópico, Multison Andradas

Na hora R\$ 45,00

Todo ingresso dá direito a um CD "Smile" a ser retirado no dia no Opinião

APOIO



Re-lançando o seu 1º álbum "Smile"



Lançando o CD "The Human Negligence is Repugnant"

**METAL
AO
EXTREMO**

**Rádio Metal ao Extremo, 24 horas com a melhor
programação Metal do Brasil!**

www.metalaoextremo.com

curta nossa página no facebook e concorra sempre aos sorteios
de cds, lps, dvds, blue-ray e muitos mais...

<https://www.facebook.com/radiometalaoextremo>



GO TO HELL!

HELL DIVINE
ONLINE METAL MAGAZINE

O METAL ESTÁ AQUI.
www.helldivine.com